

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO



A narrativa dos folhetins

ISSN 1676-5141



9 771676 514009 00051

Cesar Maia

Prefeito

Sonia Mograbi

Secretária Municipal de Educação

Regina de Assis

Presidente da MULTIRIO

Marcos Ozorio

Diretor de Mídia e Educação

Maria Inês Delorme

Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos e jornalista responsável (MTb. RJ22.642JP)

Marcelo Salerno

Diretor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Katia Chalita

Diretora do Núcleo de Televisão, Rádio e Cinema

Élida Vaz

Assessora de Comunicação e Ouvidora

CONSELHO EDITORIAL

Élida Vaz (Assessora de Comunicação/MULTIRIO) • **Leny Datrino** (Diretora do Departamento Geral de Educação/SME) • **Marcos Ozorio** (Diretor da Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Maria Inês Delorme** (Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Martha Neiva Moreira** (Editora/NPI-MULTIRIO) • **Rita Ribes** (Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) • **Silvy Rosalem** (Assessora Especial do Gabinete da Secretária /SME)

CONSELHO DE COLABORADORES

Cláudia Reis (4ª CRE) • **Cristina Campos** (Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Cristina Salvadora Ferreira** (5ª CRE) • **Guilherme F. De A. Degou** (9ª CRE) • **Irinéia Simone Cortes Tourinho** (Assessoria de Integração/MULTIRIO) • **Joelma de Souza Vieira** (8ª CRE) • **Letícia Carvalho Monteiro** (6ª CRE) • **Marcia Elizabeth N. M. Vicent** (7ª CRE) • **Maria Alice Oliveira da Silva** (DGED/SME) • **Maria Teresa L. M. Coelho** (Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Marize Peixoto** (1ª CRE) • **Norma Suely B. de Santana** (10ª CRE) • **Rosilene Adriano Mattos** (2ª CRE) • **Solange Maria Campos** (3ª CRE)

EQUIPE DE PRODUÇÃO

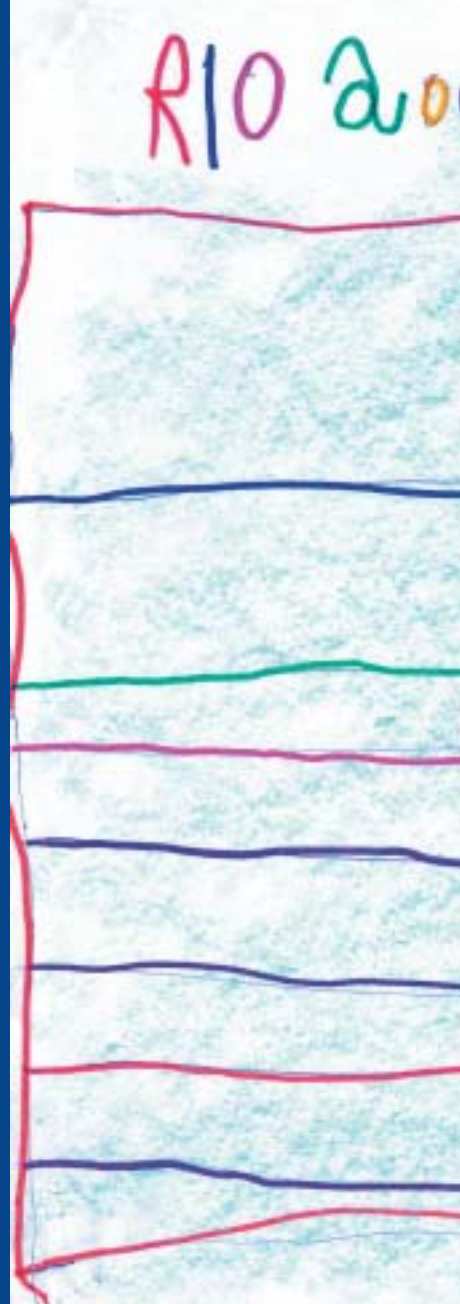
GERÊNCIA PEDAGÓGICA: **Cristina Campos e Joanna Miranda**GERÊNCIA DE JORNALISMO: **Martha Neiva Moreira** (editora) •**Renata Petrocelli** (subeditora) • **Fábio Aranha, Carolina Bessa e Bete Nogueira** (reportagem) •**César Garcia** (copidesque e revisão)GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS: **Flavio Carvalho** (gerência) • **Cláudio Gil** (coordenação),**Adriana Simeone, Aline Carneiro, David Macedo e Gustavo Cadar** (designers) •**Vivian Ribeiro** (produção gráfica)**Alberto Jacob Filho** (fotografia)Impressão: **Cidade América Artes Gráfica**Tiragem: **36.500 exemplares**

EMPRESA MUNICIPAL DE MULTIMEIOS LTDA.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210

www.multirio.rj.gov.br ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br

Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212



o 4 ALEX



PANAMERICANO



Desenho do aluno Alex Bruno Vieira Faria, 17 anos
Classe especial. E. M. Constantino Magalhães, Campo Grande (9ª CRE)

4 editorial

5 cartas

6 ponto e contraponto

A redescoberta do Brasil

11 pan 2007

Um povo além do seu tempo

14 carioca

Nossa mais completa tradução

16 século XX1

Conversa com muito conteúdo

17 parceria

Um novo 'point' de eventos

18 rede fala

A leitura e a formação da criança

19 olho mágico

23 professor on line

Palavras em alto e bom som

24 caleidoscópio

Uma gestão de sucesso

26 capa

A seguir... Cenas dos próximos capítulos

30 artigo

Narrativas de folhetim

34 atualidade

Aposta na energia nuclear

37 presente do futuro

Boa briga para as escolas

40 pé na estrada

Muito sabor e alegria à mesa

Pela consciência ambiental

45 foi assim

A maravilha do Rio de Janeiro

47 perfil

As redes do tecelão do mar

49 tudoteca

50 MULTIRIO na TV

A narrativa dos folhetins

A matéria de capa deste mês fala do debate em torno da narrativa dos folhetins – sua origem, principais aspectos e a estrutura que a caracteriza. Conheça um pouco dessa história, desde o seu aparecimento como consequência do aperfeiçoamento dos processos tipográficos, passando pelos romances-folhetim, até chegar às telenovelas, que hoje são o grande carro-chefe da TV brasileira. Conheça também os diferentes meios em que esse tipo de narrativa pode se desenvolver, como o rádio, a TV e, mais recentemente, a internet.

Com a proximidade das comemorações dos 200 anos da chegada de D. João VI e da Família Real ao Rio de Janeiro, entrevistamos, na seção *Ponto e contraponto*, o escritor Alberto da Costa e Silva, coordenador da comissão responsável por essas comemorações, que falou sobre a importância de estudar e debater a figura histórica de D. João VI.

Na seção *Carioca* você conhecerá um pouco do que acontece em uma das maiores áreas de lazer ao ar livre de nossa cidade: o Aterro do Flamengo, que recebe, nos finais de semana, visitantes de todas as partes do Rio.

Na seção *Perfil*, contamos a história de Seu Nonô, o mais antigo pescador da Colônia de Pesca da Praia de Copacabana. Aos 86 anos, ele não sai mais para pescar, porque passou a viver da tecelagem de redes utilizadas para a prática do vôlei de praia.

A palavra dos professores também está aqui presente. Na seção *Caleidoscópio*, a professora Maria Alice Silva, do Departamento Geral de Educação, fala sobre o quanto uma gestão bem-cuidada e atenta às necessidades pedagógicas pode contribuir para o sucesso escolar, no texto “Uma gestão de sucesso”. Já na seção *Presente do futuro*, discutimos como professores, diretores e orientadores pedagógicos podem lidar com episódios de brigas nas escolas.

Com a retomada da construção da usina Angra 3 pelo Conselho Nacional de Política Energética, abordamos, na seção *Atualidade*, a energia nuclear no Brasil e no mundo, suas perspectivas de uso no futuro e os impactos ambientais relacionados ao seu uso. Aproveitando a deixa, fomos às ruas perguntar aos cidadãos o que eles elegeriam como a energia do futuro.

Dando continuidade à série de matérias sobre os povos das Américas, falamos nesta edição dos astecas – sua história, costumes, tradições e as principais heranças por eles deixadas.

Por fim, atendendo a sugestões dos professores, publicamos a partir deste número um índice de todas as matérias já produzidas por NÓS DA ESCOLA. A intenção é facilitar a pesquisa do professor, possibilitando a procura de assuntos de interesse, artigos e projetos específicos.

Não deixe de ler.



Sônia Mograbi
Secretária municipal
de Educação

Esporte

Os alunos da classe especial da Escola Municipal Constantino Magalhães, em Campo Grande (9ª CRE), produziram uma série de desenhos sobre suas modalidades esportivas preferidas nos Jogos Pan-americanos. NÓS DA ESCOLA agradece o envio dos trabalhos e parabeniza os alunos e a professora Denilza Reis, que nos remeteu também uma paródia sobre o Pan 2007.



ARQUIVO DA ESCOLA

Revista do Pan

Gostaria de parabenizar a edição especial de NÓS DA ESCOLA com informações sobre o Pan. Eu estava mesmo precisando obter informações para compartilhar com os alunos. Obrigada! Continuem fazendo uma revista deste nível. Para nós, professores, é muito importante.

Lia Lopes

Professora de Peja

Índice de matérias

Atendendo a sugestões dos professores, NÓS DA ESCOLA traz a partir deste número, na seção *Olho mágico*, o índice das matérias publicadas da primeira à 15ª edição da revista. O índice prosseguirá nas próximas edições.

Correção

Erramos ao publicar o nome da Vila Olímpica do Morro do Alemão, na seção *Ponto e contraponto* da edição 49. O nome correto é Vila Olímpica Carlos Castilho.

Dez passos para um dia sustentável

(COMENTÁRIOS SOBRE O QUESTIONÁRIO DO ENCARTE *GIRAMUNDO* DESTA EDIÇÃO)

1. Basta um copo de água para os bochechos. A quantidade de água necessária se torna mínima e a higiene é a mesma
2. Seis minutos são tempo suficiente para um bom banho
3. Subir a pé é sempre mais saudável. O tempo é quase o mesmo, você economiza energia e não polui o ambiente, como aconteceria se você o fizesse de moto ou carro
4. O uso de transporte coletivo ajuda a economizar dinheiro com combustível e a poluir menos a atmosfera
5. É possível evitar o desperdício guardando o seu copo plástico, com seu nome escrito, para usar outras vezes em um mesmo dia. O ideal é usar uma caneca durável, não descartável
6. Em mais de 90% dos casos, o gasto com papel poderia ter sido evitado, ou ter sido usado papel reciclado
7. De uma alimentação saudável devem fazer parte produtos orgânicos, alimentos que contenham fibras, além de ser indicado o consumo reduzido de carne animal
8. O consumo de energia não varia em função do horário do banho, mas evita a sobrecarga do sistema e, com isso, adia a construção de novas usinas
9. Otimize a lavagem de roupas e louças, deixando sempre acumular uma quantidade razoável antes de lavá-los
10. Não durma com televisão, abajures, lâmpadas e outros aparelhos ligados

ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande e-mail para multirio_dpúb@rio.rj.gov.br

Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso site: www.multirio.rj.gov.br

A redescoberta do Brasil



Por que é importante comemorar a chegada de D. João VI e da família real ao Rio de Janeiro?

Com a chegada da família real, o Brasil passou de colônia a metrópole. A cidade do Rio de Janeiro passou a ser a capital do império português. Isso significou uma recriação do Brasil e também um elemento essencial no processo de unificação nacional. Antes, embora houvesse um vice-rei na cidade, as províncias se entendiam diretamente com a corte em Lisboa. A partir do momento em que D. João VI instala a corte aqui, todas as províncias brasileiras passam a se comunicar diretamente com o Rio de Janeiro. E a cidade se transforma no ponto central da política brasileira, da construção

do país. Alterou-se todo um jogo de forças no império português com a vinda da família real para o Brasil.

Que outras mudanças significativas a instalação da corte no Rio trouxe para o país?

Treze anos depois, quando a família volta a Portugal, D. João VI deixa no Brasil todos os elementos de um Estado moderno. Ele praticamente assegurou a independência do Brasil, só precisava de alguém que a proclamasse. Aqui já havia a Câmara da Suplicação, quer dizer já tinha o Poder Judiciário, o Exército, a Escola Naval, Escola Militar, Faculdade de Medicina, Biblioteca Nacional, tinha tudo. O Estado praticamente já estava criado no Brasil.

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

Transformar a caricatura em um retrato mais próximo da realidade. Esta é a idéia da Prefeitura do Rio de Janeiro ao comemorar o bicentenário da chegada de D. João VI à Cidade Maravilhosa. Para isso, foi criada uma comissão, coordenada pelo embaixador, membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) e historiador Alberto da Costa e Silva, que estará à frente de uma série de eventos neste ano e em 2008, relembrando os 13 anos em que a família real esteve no país. Sócio correspondente da Academia Portuguesa de História e autor de livros sobre a África, Costa e Silva considera D. João VI um rei injustiçado, que precisa ter suas qualidades rememoradas. Em vez de retratá-lo como homem preguiçoso e glutão, ele defende que é preciso mostrar o lado empreendedor do monarca. “Qualquer que seja a instituição presente, quando se procura traçar a sua história, vê-se que ela começou ou recomeçou com D. João VI. A primeira indústria gráfica foi criada por ele, assim como o primeiro teatro, os dois primeiros estabelecimentos de ensino universitários, a Escola Militar, o Corpo de Fuzileiros Navais, a Escola Naval, o Jardim Botânico, a Biblioteca Nacional, o Arquivo Público, o Poder Judiciário independente”, enumera. O coordenador geral da comissão criada para as comemorações da chegada de D. João VI compara a chegada da corte portuguesa à recriação do país, tanto em aspectos políticos como culturais. “Pode-se dizer que a vinda dele [D. João VI] foi o grande divisor de águas entre o país colonial e o país imperial”, analisa. A seguir, a entrevista completa.

Resumindo, a vinda da família real significou progresso para o Rio de Janeiro...

O Brasil e o Rio de Janeiro não voltaram a ser os mesmos depois da estada de D. João VI. Pode-se dizer que a vinda dele para cá foi o grande divisor de águas entre o país colonial e o país imperial.

Existe a versão de que a família real teria vindo às pressas para o Brasil, fugindo das investidas de Napoleão Bonaparte. Esta seria a idéia mais próxima da realidade ou se pretende, com as comemorações, rediscutir essa versão?

A família real saiu de Portugal às pressas. Sobre isso, não há dúvida. Por que saiu desta

forma? Porque D. João VI, que era um homem muito cauto, que já era um político mineiro antes de se inventarem os políticos mineiros, só se decidiu a sair quando as tropas de Junot¹ já tinham entrado em Portugal. Ele quis ficar até o último momento. Agora, desde muito já se preparava aquela saída. Havia uma decisão ►

¹Em 1806, o imperador francês Napoleão Bonaparte assinou em Berlim o decreto do Bloqueio Continental, que proibia, a todos os países do continente europeu, fazer comércio com a Grã-Bretanha. Em 19 de novembro de 1907, o general francês Junot entrou com suas tropas em Portugal, avançando rapidamente para o sul, em direção a Lisboa. Três dias antes, uma frota britânica ancorava no Rio Tejo, colocando-se à disposição do príncipe D. João para trasladá-lo ao Brasil.

política de que, em caso de perigo para a Coroa Portuguesa na Europa, ela passaria para o Brasil. O padre Antônio Vieira na época de D. João IV já tinha aventado essa hipótese. D. Luís da Cunha, que foi um dos maiores estadistas e pensadores políticos portugueses, tinha também formulado essa tese da construção do império a partir da mudança de sua sede para o Brasil. Quer dizer, por Portugal ser um país pequeno e fraco militarmente, a idéia de que se pudesse manter a independência de Portugal a partir do Brasil tinha sido aventada séculos antes. Evidentemente, quando começaram as ameaças de Napoleão contra D. Maria I, a mãe de D. João VI, essa idéia foi ressuscitada, discutida e planejada. De modo que já havia tudo pronto para partir: navios e decisões tomadas. Agora, isso não impediu que a partida tenha sido feita às pressas. Se tudo não estivesse preparado, seria inexplicável como tantos navios saíram de Lisboa ao mesmo tempo. E, ao partir, o que D. João VI fez? Enganou Napoleão. Foi o único rei europeu, além do rei da Inglaterra, que não foi dominado por Napoleão. E isso, porque trouxe Portugal para o Brasil.

Quantas pessoas teriam vindo com a família real para o Brasil?

Isso se discute muito e eu suspeito de que nunca vamos chegar a um número verdadeiro. Há uns que pensam que seriam umas 700 pessoas e outros que seriam 15 mil. A diferença entre um e outro é enorme. Eu quero crer, mas isso tome como palpite, que deve ter sido entre duas mil e cinco mil pessoas, mas não no mesmo momento. As pessoas foram chegando ao longo de meses e eu diria, até mesmo, ao longo de anos. Durante toda a estada de D. João VI vieram para o Brasil portugueses da corte, com responsabilidades políticas e sociais. Houve uma transmigração que não se deu totalmente no dia 7 ou dia 8 de março de 1808.

Houve um choque de culturas com a chegada da família real ao país? De que forma se manifestou esse choque?

Evidentemente que houve. Antes de 1808, o Rio de Janeiro era uma cidade africana e asiática. D. João VI é a que vai “europeizar”, mesmo havendo aqui uma classe dirigente portuguesa. Basta ver nas gravuras de Debret, os barbeiros fazendo

barba e cortando o cabelo no meio da rua, como se faz na África; as pessoas vendendo cestas de frutas. É uma cidade cheia de barulho, cheia de odores, de multidões na rua, praticamente escravos e escravos libertos. As pessoas tinham as casas pouco mobiliadas, geralmente dormiam em redes à maneira indígena, havia uma presença da Ásia muito forte. As pessoas usavam quimonos, batiam palmas nas portas das casas, que é um hábito indiano. As pessoas sentavam-se à porta, em cadeiras de vime, que também é [um costume] indiano, e usavam sombrinhas para se proteger do sol, que também é uma coisa africana e indiana. Então você tinha uma arquitetura européia, mas o grosso da cidade era de construções com teto de palha e as ruas eram estreitas, as pessoas comiam com as mãos (faziam bolinhos e levavam à boca).

Que mudanças de costumes a família real trouxe para o Brasil?

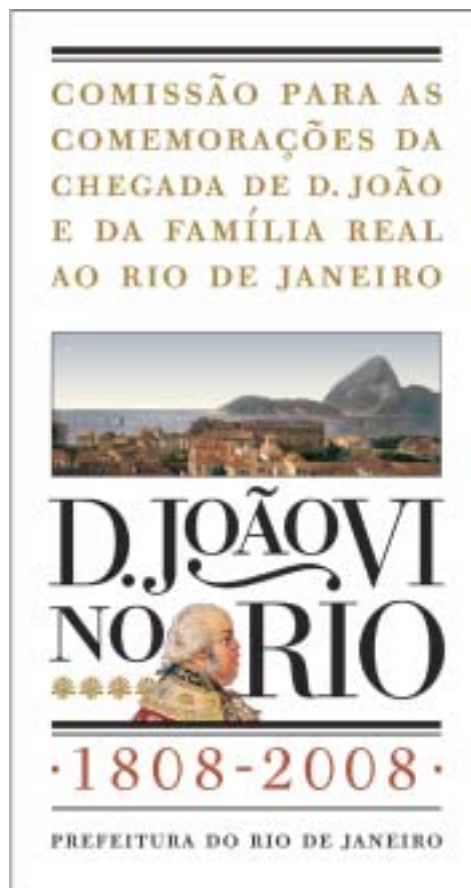
A corte trouxe um novo sentido de vida, uma vida aristocrática que não podia ser reproduzida totalmente no Brasil, porque não havia como fazê-lo inteiramente. As classes mais privilegiadas passaram a comer com garfo, faca e colher; e posteriormente todas as classes sociais, paulatinamente. Imagine aquelas senhoras acostumadas a usar cabeleiras empoadas, vestidos longos, roupas de veludo chegando no calor do Rio de Janeiro em março de 1808. Elas tentaram manter os costumes, mas tiveram que readaptá-los também. Todo diálogo de culturas é realmente um diálogo, mesmo quando há uma correlação de forças – o fraco também influencia o forte em alguns dos seus valores. D. João VI gostava de música e de teatro. Ir às apresentações de música na capela real da Sé passou a ser programa obrigatório das pessoas que se consideravam importantes. D. João construiu o primeiro teatro, e ao criá-lo também criou o gosto de ir ao teatro. Além de se estabelecer uma nova maneira de viver, também se encontrou o lundu [canções populares inspiradas em ritmos africanos] e as modinhas. A nobreza passou a gostar de certas frutas como banana, abacaxi, fruta-do-conde, graviola.

Como a comemoração desses fatos históricos pode ajudar a refazer a imagem de glutão e fanfarrão de D. João VI?

D. João VI talvez tenha sido o rei mais injustiçado. Esta imagem é prevalecente em Portugal e os brasileiros foram buscá-la lá. A visão que o brasileiro tinha de D. João VI era extremamente positiva. D. João VI foi um rei popular, bonachão, não era pretensioso, andava nas ruas, atendia bem às pessoas, era simpático. E tinha uma série de defeitos que o povo achava engraçado e gostava, ele era glutão e gordo. Era homem de pouca saúde, sofria de problemas na perna e era depressivo. Isso tudo o tornou acarinhado pelo povo brasileiro. Ele ficou no coração do povo.

Por que se criou essa imagem negativa dele?

Hoje historiadores portugueses compreendem a grande importância de D. João VI na preservação da independência de Portugal, porque se ele não tivesse vindo para o Brasil o país seria retalhado e viraria província da Espanha. Mas ficou a imagem do homem que fugiu, que não enfrentou as tropas de Napoleão. Entretanto, se ele tivesse feito isso, teria sido derrotado, aprisionado e humilhado, e aí acabado a independência portuguesa. Do ponto-de-vista brasileiro, qualquer que seja a instituição presente, quando se procura traçar a sua história, vê-se que ela começou ou recomeçou com D. João VI. A primeira indústria gráfica foi criada por ele, assim como o primeiro teatro, os dois primeiros estabelecimentos de ensino universitários (a Faculdade de Medicina da Bahia e a do Rio), a Escola Militar, o Corpo de Fuzileiros Navais, a Escola Naval, o Jardim Botânico, a Biblioteca Nacional, o Arquivo Público, o Poder Judiciário independente. Além disso, ele modificou o decreto que proibia as indústrias no Brasil, liberando o país para ser industrializado. D. João publicou o primeiro alvará estabelecendo regras de direito autoral no Brasil, que foi o quarto país no mundo a ter regras de direito autoral. Então para onde que o brasileiro se volte, ele vê D. João VI. Por isso, é profundamente injusta a imagem que se criou dele preguiçoso, covarde, indeciso. Glutão ele era, mas Winston Churchill era um beberrão e foi quem foi. Nós temos a impressão de que com as comemorações vamos mudar essa idéia, porque é um rei injustiçado. Somos caridosos com D. Pedro I, que foi um grande herói romântico, mas era um sujeito mulherengo, atrabiliário [colérico], violento, nós temos tudo



O selo comemorativo será usado em todas as matérias sobre o bicentenário da vinda da Família Real para o Brasil

isso como virtude. Agora o homem pacato, gentil, amado, que não posava de rei, que não gostava da pompa e circunstância tem tudo para estar perto de nós.

Além dele, o senhor acredita que outras figuras históricas, como Carlota Joaquina, tiveram sua imagem transformada em caricatura?

Carlota Joaquina também foi caricaturada e sofreu o que as mulheres sofrem na história: a pressão dos machistas. Ela tinha seus defeitos pessoais e não gostava do Rio de Janeiro. E era natural que não gostasse, era uma grande princesa espanhola, acostumada com a vida da corte e de repente é jogada no fim do mundo. É jogada no Rio sem corte, sem baile, nada daquilo. Vem para cá ainda jovem (33 anos). Ela tinha suas aventuras amorosas, mas é preciso compreender o que era o casamento naquela época. Todos tinham aventuras amorosas, os homens e as mulheres. D. Pedro II, que era aus-

tero, já se descobriu que teve várias senhoras. O que a gente vai vendo pelas cartas trocadas entre Carlota e D. João VI, primeiro, é que não havia esta hostilidade, se tratavam com muito respeito e até com carinho; segundo, ela era uma mulher um pouco à frente do seu tempo, até mesmo nas suas atitudes amorosas. Era inteligente, com boa formação e tinha um projeto político, que era de restauração da monarquia espanhola, que havia sido derrotada por Napoleão. Ela lutou por esse projeto. Não era tola nem burra nem histérica. Nunca se adaptou à situação de dependência política e social em que se encontrava. Ela queria ser uma Carolina da Rússia. A figura dela tem que ser revista.

As cartas de Carlota Joaquina serão publicadas em uma edição comemorativa do bicentenário da chegada da família real, não é?

Nós vamos publicar. São cartas dela para várias pessoas. No Museu Imperial em Petrópolis há uma carta de D. João para ela... carinhosíssima.

As comemorações do bicentenário também pretendem resgatar a memória dos lugares por onde a família real passou, entre eles o Paço Imperial e antiga Igreja da Sé. Que outros espaços terão sua história contada e que histórias são essas?

Nós vamos centrar as comemorações cariocas em alguns pontos e basicamente na Praça XV de Novembro, que era o antigo Largo do Paço e onde ficava a Catedral da Sé, que era seguramente um dos principais monumentos da cidade. Esta igreja é a mais importante historicamente no Brasil, porque foi lá que D. Pedro I se casou com D. Leopoldina, que D. João VI foi aclamado rei, que D. Pedro I e II foram coroados imperadores, que o padre José Maurício tocava suas missas. A rainha D. Maria, que já estava louca, foi viver no Convento do Carmo, onde é hoje a Universidade Cândido Mendes, ao lado do Paço e da Sé. O que é importante para o Rio de Janeiro é mostrar a centralidade da Rua Primeiro de Março, que era a Rua Direita, a principal rua da cidade. Havia também uma parte da cidade que não existe mais, os morros que foram demolidos, o mais famoso, o Morro do

Castelo. O Rio era formado por montanhas de basalto e charcos, lagoas e rios. Com D. João VI, a cidade começou a crescer e se expandir para o Catete, Glória, Laranjeiras, Botafogo. D. Carlota teve uma casa em Botafogo, na esquina com a Marquês de Abrantes. As pessoas estavam acostumadas a viver no Centro naqueles sobrados esguios, e quando D. João chegou ao Rio houve necessidade de dar aposentos à nobreza que vinha com ele. Muitas casas de pessoas com posses foram requisitadas para a família real e em muitas delas moravam senhores rurais, que começaram a voltar para suas fazendas. Além disso, outras casas novas foram construídas, maiores, com jardins, acompanhando os costumes europeus. Passaram a ter móveis, espelhos, cortinas.

O caminho imperial também será lembrado?

A Secretaria de Patrimônio já começou a colocar placas refazendo este caminho de Santa Cruz e o que a família percorria, tanto para a fazenda quanto para São Cristóvão.

Os eventos comemorativos da Secretaria Municipal das Culturas não pretendem apenas ressaltar aspectos históricos, mas também culturais e os costumes da época. Que eventos serão mais marcantes?

Do ponto-de-vista popular, tenho a impressão de que será a apresentação de algumas escolas de samba com o enredo joanino, em fevereiro. Depois vamos ter em outubro um grande espetáculo de rua na Praça XV, refazendo toda a história da chegada até a partida de D. João VI ao Rio de Janeiro. Vamos editar uma revista de história em quadrinhos contando a estada da família real, que será distribuída para as escolas. Com isso, modificamos desde a infância a imagem injusta de D. João VI. Há outras várias coisas, como concertos na Igreja da Sé. Vamos também editar uma série de livros variados. O Museu Histórico Nacional vai fazer uma grande exposição. Além disso, haverá uma exposição no Museu Nacional de Belas-Artes de Nicolas-Antoine Taunay. Nós estamos também fazendo dois grandes concursos, um para alunos, em que o primeiro prêmio será uma viagem a Portugal, e outro de monografias, com prêmio de R\$ 50 mil. ■

Um povo além do seu tempo

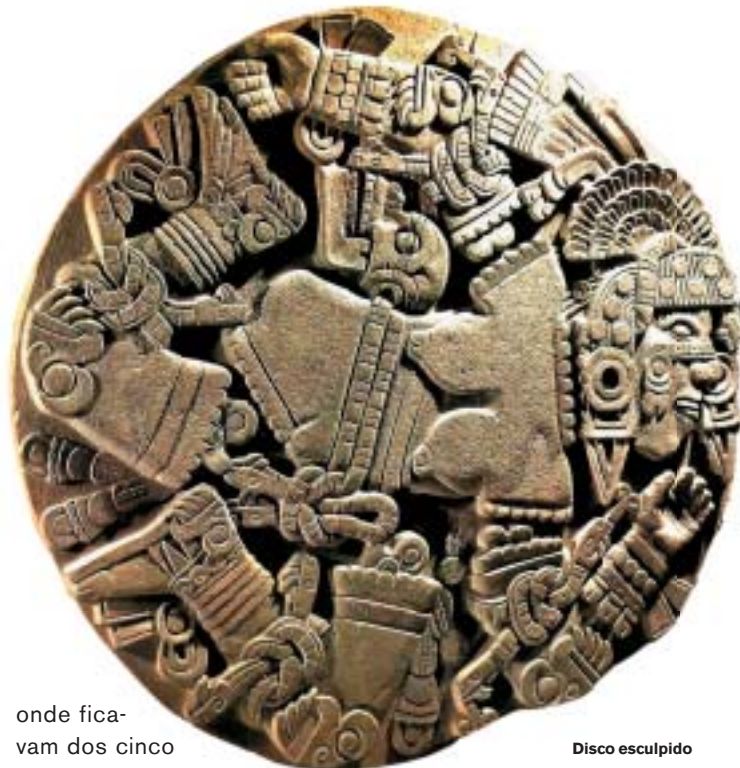
Além de guerreiros, os criadores do chocolate formavam uma sociedade altamente desenvolvida

As surpresas que as novas terras causaram nos colonizadores que aportaram por aqui entre os séculos XIV e XV não se restringiam às desconhecidas espécies de animais, à vasta flora e a povos com uma tonalidade diferente de pele. Sociedades bem organizadas, igualdade entre os sexos e preocupação com a educação, por exemplo, foram algumas das muitas características dos astecas, que provocaram espanto nos conquistadores espanhóis.

Para Maria Teresa Toribio Brittes Lemos, professora de história da América e coordenadora do programa de pós-graduação de História da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), antes de mais nada é essencial que vejamos os povos pré-colombianos sem delimitações entre melhores e piores: cada cultura teve a sua devida importância. No caso dos astecas, que viveram na região onde hoje está o México, um dos grandes destaques era o sistema social, organizado em bairros, chamados *calpulli*. Em cada um deles o povo era abrigado por determinadas categorias profissionais: comerciantes, artesãos etc.

Nessa cultura de guerreiros e militares, havia uma figura interessante, um misto de comerciante e espião do rei – através do comércio, ele visitava outros reinos e procurava saber se eles estavam dispostos a se submeter ao rei asteca. Caso não concordassem, os dois povos entravam em guerra. Maria Teresa destaca, porém, que a intenção da guerra não era de matança – eram batalhas para se obterem lucros através de cobrança de tributos e captura de escravos. Por isso, estes embates são chamados de “guerras floridas”.

Educação – Os astecas desenvolveram cidades com uma organização requintada, algumas maiores e mais desenvolvidas do que certas cidades europeias do século XV. No quesito educação, nota 10 para os mesoamericanos: por influência tolteca, povo dominado por eles, todos deveriam frequentar a escola (*tlapohcalli*),



onde ficavam dos cinco aos 16 anos, em média. Nela, aprendia-se de tudo, de serviços domésticos a funções a serem desempenhadas na sociedade. “Era uma escola para formar cidadãos”, destaca a professora da Uerj. E tem mais: havia a universidade (*calmecac*, nome que é mantido até hoje entre os mexicanos), para as famílias da elite. Eles aprendiam a língua oficial, o *náhuatl*, e estudavam também línguas de povos seus contemporâneos. Além da importância dos estudos, eles tinham uma visão democrática da sociedade: existia uma mobilidade social muito grande. Tanto que jovens de famílias pobres que se destacassem no *tlapohcalli* podiam frequentar a universidade ao lado da aristocracia. E até hoje as crianças mexicanas aprendem a escrita ideográfica dos astecas, o *tlacuillo*.

O sistema, liberal em diversos sentidos, era rígido quando o assunto era a autoridade. O respeito aos mais velhos e a algumas categorias mantinha em alta conta, por ►

Disco esculpido
com descrição
de morte: tema
comum

TEXTO

BETE NOGUEIRA

IMAGENS

REPRODUÇÕES DO SITE

DA FOUNDATION FOR

THE ADVANCEMENT OF

MESOAMERICAN STUDIES

(FAMSI)

SAIBA MAIS

- NÓS DA ESCOLA n. 48 – seção Pan 2007
- *Historia general de las cosas de Nueva España*, do frei franciscano Bernardino de Sahagún. Cidade do México, Editorial Porrúa, 1956.

Mapa de Tenochtitlán, feito em 1524 com base nas recordações de Cortés, ironicamente o responsável pelo fim da metrópole asteca

exemplo, os professores, que se destacavam como grandes contadores de histórias. Essa sociedade possuía uma espécie de academia de letras, oradores e poetas. Eles registravam ainda toda a vida cotidiana em códices, tendo como suporte o papel amate, uma espécie de cortiça de árvore. Há poesias dedicadas à vida e à morte, e alguns rituais guardavam semelhanças com os costumes cristãos. O frei Bernardino de Sahagún (ca.1499-1590), quando chegou com outros franciscanos para “cristianizar” aquele povo, registrou muitos de seus costumes e ficou, assim como seus confrades, impressionado com a facilidade com que os nativos aprendiam o latim. Os religiosos, inclusive, aproveitaram a estrutura do ensino já consolidado entre aquele povo indígena.

No dia-a-dia – Apesar de ser uma sociedade com forte participação religiosa, com cada segmento social adorando seu próprio deus, magistrados e juizes ajudavam a manter a ordem estabelecida. Além de exímios tecelões, pelas ruínas chega-se à conclusão de que a

arquitetura era extremamente desenvolvida: as casas eram bem divididas, com os cômodos bem separados, jardins internos, paredes com pinturas dos deuses e até saunas.

Havia canais de irrigação para a agricultura; a água era tratada e encanada antes de chegar às cidades, garantindo sua boa qualidade para consumo. Aliado a isso e ao uso das saunas, havia médicos (e médicas) e sacerdotes com bom conhecimento de ervas e raízes para cuidarem da saúde do povo. E para evitar a mordida de mosquitos... muitas pinturas pelo corpo.

No comérico, haviam duas “moedas” utilizadas então: carochos de cacau e a valiosíssima pena de quetzal¹.

Crenças – O principal guardião da capital Tenochtitlán era Huitzilopochtli, o deus da guerra e do sol. Tudo era muito ligado à natureza e às divindades. Por isso, suas representações podiam de alguma forma orientá-los. Havia, por exemplo, um deus enfurecido, para lembrar aos homens dos perigos do consumo de drogas.

Mais importante do que a morte era como a pessoa tinha morrido. Se fosse como herói, seria levada aos deuses, transformada em estrela ou receberia outro tipo de glória. Se morresse sem lutar, ficava vagando pelo universo. Por documentos encontrados, os astecas acreditavam na vida após a morte. Tanto que até hoje os mexicanos comemoram o dia (ou dias) dos mortos, que para eles vêm anualmente a este mundo confraternizar com os que aqui estão. Segundo suas tradições, no dia 28 de outubro retornam os espíritos das crianças, guiados por lanternas, ou *senderos luminosos*, e por flores amarelas. No dia seguinte, retornam os jovens. Dias 30 e 31, vêm os adultos e idosos, para no dia 1º de novembro fazer-se uma grande festa, acreditando-se na presença de todos, e no dia 2, os do lado de lá voltam aos seus jazigos. “É uma festa de encontro: não há fronteira entre a vida e a morte. Isto, em parte, lembra alguns ritos cristãos”, comenta Maria Teresa Lemos.

Por tantas particularidades, não é correto chamarmos os astecas de “civilização sanguinária” ou algo do tipo. O que aos olhos da sociedade contemporânea parece macabro, como os sacrifícios humanos, tinha um significado diferente para eles. “A pessoa que era oferecida aos deuses era adornada como se ela



se transformasse na própria divindade, o que transcende o fator sanguíneo. O indivíduo se tornava um arquétipo dos deuses, uma outra forma de vida. Mesmo quando era um prisioneiro de guerra, antes de ser sacrificado, era incorporado a uma família”, explica a professora de história. Ele subia as escadas da pirâmide, onde seu coração era retirado para ser comido pelo sacerdote. O resto do corpo era atirado na pirâmide abaixo, para ser devorado pelo povo.

Para os espanhóis, sangue significava sacrifício. Para os índios, era a vida. E a vida poderia ser marcada pelo dia do nascimento. Havia os “astrólogos”, capazes de dizer as características de cada um, de acordo com o aniversário. As crianças que nasciam em dias considerados “azarados” eram malvistas. Tanto que os pais muitas vezes escondiam o verdadeiro dia de sua chegada.

Sem sexismo – Igualdade dos sexos no Novo Mundo? Sim, entre os antepassados dos mexicanos, mulheres podiam disputar, em pé de igualdade com os homens, uma posição no exército, em outros setores da sociedade e até chegarem a ser rainhas. As mães desempenhavam várias funções na sociedade, mas nada atrapalhava a hora de amamentarem os bebês.

Não existia preconceito contra prostitutas, homossexuais, pobres. Pelo contrário: como os nobres tinham que dar o exemplo ao povo, um crime cometido nas esferas mais altas era punido de uma forma mais severa.

Queda de um império – Chegar à metrópole Tenochtitlán, que encantava por seu tamanho e suas pirâmides sagradas, causou espanto aos brancos. Mas isso de nada adiantou. Tampouco, a boa recepção que os espanhóis tiveram, que incluiu uma boa taça de chocolate, iguaria desconhecida no Velho Mundo. Os conquistadores, sob o comando de Hernán Cortés, queriam mesmo se apoderar de tudo o que ali encontrassem. Em 1519, a população asteca estimada era de cerca de 15 milhões, e apesar da inteligência e de serem aguerridos, os astecas acabaram vencidos pela tecnologia europeia. Por uma coincidência infeliz, o encontro aconteceu em

uma época em que os mesoamericanos aguardavam o retorno de um deus que iria assumir o trono. O governante Montezuma II, então, vacilou, pois não sabia se se tratavam de deuses ou invasores. E a resposta veio na ponta das armas. Montezuma foi morto e seu sucessor, Guatemozin, resistiu o quanto pôde, mas em 1521 Cortés sitiou a capital e subjugou o império.

Orgulho nacional – Do encontro entre conquistadores e ameríndios surgiu um povo completamente novo, o latino-americano, com uma série de características únicas. Festas nacionais e outras manifestações da cultura popular seguem o que os antepassados deixaram ao povo mexicano, que tem tanto orgulho de suas raízes que conserva a Constituição bilingüe: em espanhol e *náhuatl*. Para o mundo, os astecas ensinaram as delícias do chocolate, milho, tomate e certas pimentas.

“O mexicano não quer ser nem índio nem espanhol. Tampouco quer descender deles. E não se afirma nem como mestiço, senão como um abstração: é um homem. Torna a ser um filho do nada. Ele começa com ele mesmo.” – Octavio Paz – *El labirinto de la soledad*, 1950. ■

Astecas em dados

- **Origem:** tribo de caçadores e agricultores vindos do Norte que se instalaram onde hoje é o México.
- **Início do império:** ano de 325
- **População à época da chegada dos espanhóis:** cerca de 15 milhões
- **Cidades:** por volta de 500, sendo que algumas eram maiores e mais organizadas do que cidades europeias da época
- **Capital:** no centro do império, estava Tenochtitlán (“perto do fruto do cato sobre a pedra”), também chamada México (“no meio do lago da lua”).



Com três toneladas de pedra, a imagem da deusa-mãe, Coatlicue

¹ Ave de bela plumagem, encontrada na América Central.

Nossa mais completa tradução

Aterro do Flamengo atrai o público por sua beleza natural e é opção para os mais variados gostos



TEXTO A extensa área verde próxima ao mar que é o Aterro do Flamengo, mesmo para quem

BETE NOGUEIRA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

passa apressado, é marcante. Uma das grandes áreas de lazer da cidade, o local tem como características principais sua beleza e diversidade, unindo de forma singular a Zona Sul ao Centro. Quer ler um livro debaixo de uma árvore, com um belo visual à sua volta? Quer jogar uma pelada com os amigos? Acompanhar a troca da guarda promovida pelas três Forças Armadas no Monumento dos Pracinhos? Quer visitar um museu? Quer patinar, correr ou ensinar uma criança a andar de bicicleta? Tudo isso é possível em um mesmo endereço, que tem o nome oficial de Parque Brigadeiro Eduardo Gomes, em homenagem a um dos patronos da aviação brasileira.

Do Aeroporto Santos Dumont até a Enseada de Botafogo, muita água já rolou e deixou de rolar. Antes um litoral recortado, o local ganhou o contorno atual quando foi aterrado com os despojos do desmanche do Morro de Santo Antônio, no Centro. Bairros como Flamengo, Catete, Glória e Botafogo precisavam de novas opções na sua malha viária, e “roubar” terreno do mar saía mais barato do que pagar pela desapropriação de casas de moradores da região. E assim foi feito.

Inaugurado em 12 de Outubro de 1965, com uma grande festa popular, o Aterro tem 1,3 quilômetro quadrado, com imensa variedade de espécies de árvores e outras plantas decorativas, vindas de várias partes do mundo, quadras polivalentes, campos de futebol,

parquinho, anfiteatro, ciclovia, pistas de *skate* e aeromodelismo – esporte hoje em baixa, mas muito comum na época da construção do parque –, a Marina da Glória, o Museu de Arte Moderna (MAM), Museu Carmen Miranda, monumento ao fundador Estácio de Sá, três passagens subterrâneas, cinco passarelas de acesso, teatro de marionetes, quiosques, um restaurante, uma casa de *shows* – tudo isso, à beira da Baía de Guanabara e de frente para o Pão de Açúcar.

O ecletismo se estende quando o assunto é multidão: dos militantes verdes da Eco-92 (Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento) aos fiéis que se espremeram, em 1980 e 1997, para ver o papa João Paulo II, passando por diversos *shows* ao longo dos anos e famílias que vêm de vários pontos da cidade, todos os domingos e feriados, para aproveitarem as pistas fechadas ao trânsito e franqueadas a *skates*, bicicletas, patinetes e velocípedes.

O Parque do Flamengo foi feito na época do governador Carlos Lacerda. Sob a liderança de Lotta de Macedo Soares (*veja o quadro*), criou-se um grupo “de peso” para projetar o local: o paisagista Roberto Burle Marx, o botânico Luiz Emygdio de Mello Filho e os arquitetos Affonso Eduardo Reidy, Sérgio Bernardes e Jorge Moreira. A direção do parque mantém contato permanente com o escritório Burle Marx, para consultas sobre eventuais ajustes, e há um monitoramento de espécies e de poda das plantas. A garantia de que o parque vai manter suas linhas originais está no fato de ele ser tombado pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). ■



Três ângulos do extenso parque: o Monumento aos Pracinhas (na página ao lado), a Marina da Glória e a Praia do Flamengo (acima) e a região em frente ao Morro da Viúva

Idéias que resistiram ao tempo

Grande parte da beleza que se aprecia hoje no Aterro deve-se aos detalhes idealizados por Lotta de Macedo Soares (1910-67), que não abriu mão de certos conceitos. Foi da esteta e arquiteta autodidata a idéia de manter o parque iluminado à noite, o que ainda hoje permite, além de passeios, disputadas partidas de futebol – nas quadras também pensadas por ela. A equipe de urbanismo que trabalhou no projeto achava necessário construir quatro pistas de automóveis, mas ela “bateu pé” para que permanecesse sua idéia original de apenas duas. Por tudo o que fez para que hoje os cariocas se deslumbrem com o extenso parque, em janeiro de 2005 a Prefeitura deu o seu nome ao *deck* que cobre o Rio Carioca, no mesmo espaço.

SERVIÇO

Aterro do Flamengo – Entre o Aeroporto Santos Dumont e a Enseada de Botafogo.

Conversa com muito conteúdo

‘Chats’ promovidos pelo Século XX1 aproximam estudantes e promovem a troca de informações

TEXTO
IVAN KASAHARA, REPÓRTER-
REDATOR DO PROGRAMA
SÉCULO XX1

O bate-papo virtual, também conhecido como *chat*, está gerando novas formas de interação e constituição de valores e conhecimentos em algumas escolas da Rede. Na onda dos Jogos Pan e Parapan-americanos, o Programa Século XX1 organizou oito *chats* entre alunos, professores, atletas, técnicos e autoridades ligadas às competições e ao esporte nacional, para trocar informações e colaborar para a inclusão digital dos estudantes.

As professoras Flávia Lacerda e Viviane Bianchi são responsáveis pela sala de recursos da Escola Municipal Gaspar, em Irajá (5ª CRE), onde trabalham com crianças e jovens com deficiência visual. Os primeiros *chats* dos quais seus alunos – Luana Borges, cega, e Felipe Reis, com baixa visão – participaram foram os organizados pelo Século XX1. Mesmo sem contar ainda com as condições ideais de acesso (o *chat* não é compatível com programas leitores de tela), os dois consideraram a experiência válida.

“A oportunidade de participar foi muito legal e seria ainda melhor se pudesse contar com o leitor *web*. Mesmo assim, gostei de trocar informações com o aluno que me ajudou. Ele leu as respostas e digitou as minhas perguntas”, diz Luana. Felipe também lamenta a ausência do leitor de tela, mas acredita que os contatos foram muito importantes, na medida em que pôde aprofundar conhecimentos sobre o Pan e o Parapan. A MULTIRIO está trabalhando para garantir o acesso a pessoas cegas em futuros *chats*.

A ferramenta também é bem avaliada pelas professoras. Flávia destaca o caráter interativo da atividade: “É uma oportunidade de a escola usar uma ferramenta tecnológica que proporciona aos alunos o contato com outros grupos, permitindo a troca de opiniões e conhecimento”. Na opinião de Viviane, “essa tecnologia é um ótimo instrumento de socialização, já que os alunos podem estabelecer contato com outras comunidades e se apropriar de diversos

códigos culturais, sabendo identificá-los e utilizá-los socialmente”.

A professora Fátima Ferreira, da E. M. Walt Disney, em Ramos (4ª CRE), promoveu atividades antes e depois dos bate-papos com seus alunos com deficiência auditiva.

“Pesquisamos a vida dos atletas convidados e as modalidades em que atuam. Assim, discutíamos que perguntas poderiam ser feitas. Eu sempre procurava copiar os *chats* para depois fazer uma releitura com meus alunos e debatermos as informações recebidas”, explica.

Para Mércia Cancela, assistente de direção do Instituto Helena Antipoff, a proposta do Século XX1 e da MULTIRIO revitaliza essa ferramenta subutilizada e associada a conversas sem conteúdo. “Os *chats* foram uma experiência muito interessante, uma ‘virada’ em termos de comunicação entre escolas e professores. Eles possibilitam o debate sobre diferentes conhecimentos e a interação entre pessoas em uma rede tão diversa. Penso que depois do Parapan, os *chats* poderão ter temáticas diferentes”.

Segundo Flávia Lacerda, a grande vantagem desses *chats* é unir a interatividade ao conteúdo. A definição de um tema específico (o esporte) e a presença de um convidado especialista no tema permitiram a criação de um ambiente propício à aprendizagem e não somente ao entretenimento. “Com estes ambientes podemos proporcionar ao educando a troca de informações, estimular a produção escrita, fazendo com que ele aprimore sua capacidade de registrar opiniões, e, através da leitura, ter acesso a opiniões distintas”, diz.

A ferramenta de *chat* está disponível a professores e alunos no endereço www.multirio.rj.gov.br/seculo21, sem a necessidade de autorização ou agendamento. É só clicar na área Projetos, na coluna da direita, e no *link* Chat, à direita da nova janela que se abrirá. Todos os bate-papos realizados sobre o Pan e o Parapan podem ser encontrados na íntegra na área Alunos. O *site* do Século XX1 também oferece outras ferramentas a alunos e professores como *blog* e *fotolog*. ■

Um novo 'point' de eventos

Cidade ganha espaço para feiras, exposições e congressos, com equipamentos de última geração

Fincado em um endereço estratégico para o turismo, começou a funcionar em julho o Rio Cidade Nova Convention Center, espaço projetado para abrigar eventos de médio e pequeno porte. A empreitada é uma parceria entre a Prefeitura, através da Riotur, e a empresa RioCidadeNova, dando continuidade à política de ação conjunta entre o setor público e a iniciativa privada para reabilitar algumas áreas da cidade.

A Riotur está responsável pela supervisão do empreendimento e atua como parceira constante na tarefa de atrair encontros nacionais e internacionais. "É maravilhoso para qualquer natureza de evento. Já estamos há algum tempo convidando organizadores de congressos, feiras e exposições para conhecerem este novo espaço", conta o secretário especial de Turismo, Rubem Medina. "O Rio já é a cidade que mais abriga eventos internacionais nas Américas. E isso vai expandir muito, porque está excepcionalmente bem montado", comenta.

Numa área de 16 mil metros quadrados e um total construído de 42 mil metros quadrados, entre o início da Avenida Presidente Vargas e a Avenida Paulo de Frontin, a edificação tem capacidade para seis mil pessoas em auditório e garagem subterrânea com 1.300 vagas.

Depois de três anos de obras e contando com um aparato tecnológico de última geração, o Rio Cidade Nova já tem agendados cerca de 30 eventos para os próximos meses, e quem inaugurou foi a Rio Sports Show, uma feira de equipamentos, serviços e produtos de *fitness*.

Por recomendação da Riotur, os hotéis que normalmente abrigam feiras, seminários etc. estão direcionando os pedidos de reserva de espaço para o novo centro de convenções. No primeiro pavimento estão o Salão Nobre, acessível pela Avenida Paulo de Frontin, e o Salão de Exposições. Os espaços contam com acessos independentes, permitindo a realização simultânea de duas feiras ou eventos

distintos. O segundo andar abriga o Centro de Congressos e Convenções. O Foyer de Congressos, com 2.450 metros quadrados, poderá ser integrado ao Salão de Congressos Grand Ballroom. O andar acomoda ainda 13 salas para reuniões, seminários, conferências, oficinas e escritórios, com áreas de aproximadamente 120 metros quadrados.

"Não tenho dúvidas do sucesso do centro, por estar num local especialíssimo, no coração da cidade a muito próximo à Zona Sul", elogia Medina, lembrando que a cidade não pode ser projetada só para o turismo: ela tem que ser boa para seus cidadãos (para que possam vir a trabalhar no local ou participar de encontros). "O acesso é facilitado: temos ônibus, o metrô e a Linha Vermelha, que dá acesso à outra via importante, a Amarela".

O entorno da construção ganhará, a médio prazo, novas obras, constituindo-se em um pólo importante turisticamente e que deve reabilitar toda a região, tornando-se mais um pólo turístico e de serviços do Projeto Rio Mais, da Riotur.

Preservação – O cenário do Rio Cidade Nova ganhou um charme especial ao incluir em seu complexo um prédio tombado, denominado Solar, destinado a encontros sociais e culturais. Construído em 1869, o casarão sofreu modificações em 1907 para abrigar o Hospital das Crianças, administrado pela Santa Casa de Misericórdia. A intervenção deu ao prédio os principais traços de sua fachada, influenciada pela arquitetura palaciana italiana quinhentista. O solar resistiu às mudanças urbanísticas dos arredores, muitas delas ocorridas nos anos 1970 e 80, e foi tombado há dez anos por decreto municipal.

O Rio Cidade Nova Convention Center fica na Rua Machado Coelho, 100, na Cidade Nova. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone 2273-8827 ou no site www.riocidadenova.com.br. ■

TEXTO
BETE NOGUEIRA

SERVIÇO

- Empresa de Turismo (Riotur) – www.riodejaneiro-turismo.com.br
- Rio Cidade Nova Convention Center – Entrada pela Rua Machado Coelho, ou pela Avenida Paulo de Frontin

A leitura e a formação da criança

Os contos de fadas têm um poder mágico de divertir e ao mesmo tempo esclarecer a criança sobre si mesma, favorecendo o desenvolvimento de sua personalidade. E não apenas eles, como também os mitos, que apresentam uma relação íntima com os contos de fadas, já que ambos surgiram do povo e são transmitidos oralmente de geração a geração.

Os conteúdos dessas histórias enriquecem a vida das crianças de tantos modos que dificilmente haverá um livro que faça justiça a tamanha diversidade de contribuições. O que torna os contos de fadas tão importantes para a vida de cada indivíduo são as diferentes possibilidades de experiências que proporcionam.

Contos de fadas abordam temas universais, pois tratam de sentimentos inerentes ao ser humano – medos, desejos, anseios – que ultrapassam a barreira do tempo, espaço ou classe social. São um tipo de leitura que funciona como o constituidor do imaginário de cada indivíduo, que contribui diretamente para a sua formação. Alimentar o imaginário é tão importante quanto desenvolver a capacidade cognitiva ou ampliar o conhecimento.

O mundo dos contos de fadas é absorvido pelas crianças como verdade simbólica e isto é fundamental para refletirmos sobre o impacto que podem causar no pensamento infantil. Estar atentos a esta questão ajuda professores e responsáveis a pensar nos mecanismos e estratégias desenvolvidos pelas crianças para resolver seus conflitos.

Ao ouvir contos de fadas as crianças se ocupam primeiro em querer entender a narrativa, em absorver a sua magia. Por isso pedem que lhes sejam contados várias vezes. Como aconteceu com a arte, o significado mais profundo dos contos de fadas será diferente para cada pessoa nos vários momentos de sua vida, e é isso o que os torna tão especiais.

A escola deve estar atenta ao hábito de contar e ouvir histórias, já que somente na escola as crianças têm a oportunidade

de acesso a esse tipo de material escrito. Todo jogo de narrativas é um resgate vivo da realidade. É graças à leitura que as crianças têm a certeza de se “reencontrar”. Viver a experiência da leitura junto com elas é fundamental.

No cotidiano podemos perceber que as crianças brincam com bonecas e animais de brinquedo para expressar diferentes aspectos de sua personalidade, algumas vezes complexos, inaceitáveis e contraditórios. É essa dificuldade que torna os contos de fadas mais uma possibilidade de a criança ir em busca de soluções para problemas interiores que ela mesma não reconhece. Os contos mostram como ela pode mergulhar na magia e perceber suas dificuldades a partir da fantasia, tirando proveito para a vida real.

As narrações dão indicações para as crianças de que a dor deve ser superada e de que as dificuldades devem ser enfrentadas. Apesar de toda ansiedade que tudo isso gera, não há dúvida de que o final feliz ajuda, encoraja cada um a enfrentar os obstáculos e ser vitorioso.

Cada conto é um espelho mágico que reflete alguns aspectos do nosso mundo interior e dos passos necessários para evoluirmos psicologicamente. Não se pode permitir que continuem tão distantes do mundo da criança, porque está provado que os contos de fadas ainda dão sentido a nossa vida.

Dar um livro ou contar uma história para as crianças faz com que elas dialoguem com o contexto em que vivem. Transforma essa apropriação inicialmente teórica em sua prática de vida.

Mas como as crianças poderão exercitar este jogo simbólico se, ao terminar de ler ou ouvir uma história, elas sempre têm a obrigação de fazer um trabalho para apresentar ao professor? Será que os alunos sempre têm que comprovar ter aprendido algo por meio de atividades após a leitura ou escuta de um texto? Se a leitura é uma experiência, devem-se desenvolver atividades que atendam aos interesses e anseios dos alunos. ■



Ana Paula Loureiro de Moraes

Coordenadora pedagógica da E. M. Alba Cañizares do Nascimento, Inhoaíba, 9ª CRE

A partir deste número, NÓS DA ESCOLA publica o sumário das suas edições, para dinamizar a consulta e o uso de todas as seções. A seguir, apresentamos as primeiras 14 edições.



Revista nº 01/2001

NOTÍCIA – Mídia para criança será tema de encontro mundial

• **Especial #1** – Convergência de mídia. O que a escola tem a ver com isso

• **Especial #2** – Meta é democratizar o acesso aos meios

• **Especial #3** – Superando desafios no dia-a-dia. Recursos multimídia ampliam os horizontes da sala de aula

• **MULTIRIO** – O sentido de um projeto multimídia. Projeto multimídia

• **Cartaz** – Nós acreditamos...

• **Giramundo** – Recursos e tecnologias

Revista nº 02/2001

• **Entrevista** – Leandro Konder: educar exige perspectiva de futuro (PUC-Rio)

• **Matéria de capa** – Mas, afinal, o que são Diretrizes Curriculares?

• **Atualidade** – Uma lei a favor da educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

• **Pé na estrada** – Na João Neves, arte abriu novos rumos (E. M. João Neves da Fontoura)

• **Cartaz** – Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental

• **Giramundo** – Autonomia



Revista nº 03/2002

• **Entrevista** – Azoilda: admiradora de gente. Como lidar com as diferenças na sala de aula. Azoilda Loretto Trindade (Universidade Estácio de Sá)



• **Atualidade** – Farra que vem da África. Origem do forró

• **Matéria de capa** – Onde diversidade “rima” com respeito

• **Pé na estrada** – Em Paquetá, estudo é sinônimo de diversão (E. M. Joaquim Manoel de Macedo)

• **Cartaz** – *Bullying*

• **Giramundo** – Gênero

Revista nº 04/2002

• **Entrevista** – Além do senso comum. Ana Luiza Smolka (Unicamp)

• **Atualidade** – Quando um pode ser igual a dois, três, quatro. Algumas respostas sobre a clonagem humana

• **Matéria de capa** – Os diferentes caminhos para o conhecimento. A importância da teoria para a prática de ensino

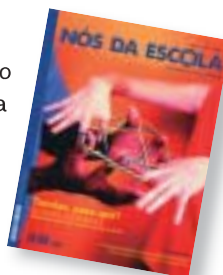
• **Artigo** – A escola dos meus sonhos. Frei Beto

• **Pé na estrada** – Passar matéria? Passar dever? Passear e aprender (E. M. Iva Gomes Ribeiro)

• **Olho Mágico** – Produções da MULTIRIO em sintonia com a escola

• **Cartaz** – Desafio do professor

• **Giramundo** – Jogo da amarelinha/geometria



Revista nº 05/2002

• **Ponto e contraponto** – Sem limites para conhecer. Ruth Joffily

• **Olho Mágico** – Polêmica e atualidade on line. Projeto Século XXI

• **Zoom** – Intimidade compartilhada. *Reality shows*

• **Atualidade** – Sistema de cotas na berlinda. A polêmica em torno do sistema de cotas para alunos negros nas universidades



- **Matéria de capa** – Currículo: tecendo histórias, revelando caminhos
- **Artigo** – Currículo e sucesso escolar. Antônio Flávio Barbosa Moreira (UFRJ)
- **Pé na estrada** – Mudança de hábito (Jardim de Infância Ana de Barros Câmara)
- **Caleidoscópio** – Dino Safari, Ecce Homo, Além-mar, Século XX1
- **Professor on line** – Entenda o seu contracheque
- **Vida de professor** – Surpresas cotidianas. Planejamento
- **Cartaz** – O conhecimento é um caleidoscópio
- **Giramundo** – Com os recursos sempre à mão. Uso da calculadora na escola

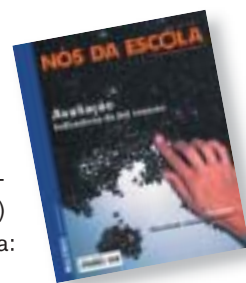
Revista n.º 06/2002

- **Ponto e Contraponto** – Formação inicial... ou superficial? Rita Ribes (Uerj e PUC), Lúcia Martins Barbosa (Universidade Veiga de Almeida (UVA) e Câmara Superior do Conselho Estadual de Educação)
- **Carioca** – Trabalho de mestres. Apostilas de matemática do PEJ
- **Zoom** – Muito mais do que uma simples diversão. Desenho animado
- **Olho Mágico** – Um canal de comunicação a serviço de todos. Ouvidoria da MULTIRIO
- **Atualidade** – O novo Código Civil Brasileiro
- **Matéria de capa** – Em defesa dos direitos das crianças. A história da educação infantil no Rio de Janeiro
- **Artigo** – A criança na Idade Mídia: desafios para a formação de educador. Solange Jobim e Souza (PUC e Uerj)
- **Pé na estrada** – Educação fundamental: será o fim da brincadeira? Passagem da educação infantil para a educação fundamental
- **Caleidoscópio** – Quando o mundo falava árabe, Cantos do Rio, Os segredos de Kineret e Lucas e Lucinda
- **Professor on line** – Benefícios ao alcance do mouse. Portal dos servidores do Município
- **Vida de professor** – Quase lá... Centro de Estudos
- **Cartaz** – Se essa rua fosse minha...
- **Giramundo** – Fenômeno ótico



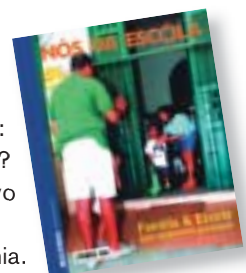
Revista n.º 07/2002

- **Ponto e Contraponto** – Avaliar não é excluir. Maria Teresa Esteban (UFF)
- **Carioca** – Salas de leitura: espaços multimídia
- **Zoom** – Em questão: manifestações populares
- **Olho Mágico** – NÓS DA ESCOLA na TV
- **Atualidade** – Risco-Brasil: o que é isto?
- **Matéria de capa** – Quando cada andorinha faz verão. Avaliação
- **Artigo** – A base ética da avaliação. Cipriano Carlos Luckesi (UFB)
- **Pé na estrada** – Vencendo obstáculos, transformando histórias. Alunos portadores de necessidades educativas especiais
- **Caleidoscópio** – Matilda, Na ponta dos pés e mestres da literatura
- **Professor on line** – Para que serve o Fundo Rotativo?
- **Vida de professor** – Voto consciente. Eleição de diretor
- **Cartaz** – Liberdade para conhecer
- **Giramundo** – Movimento



Revista n.º 08/2002

- **Ponto e Contraponto** – Educação e disciplina: binônimo contraditório? Miguel González Arroyo (UFMG)
- **Atualidade** – Sebomania. Sebos do Rio de Janeiro
- **Zoom** – Lembranças doces ou não. Lembranças positivas ou negativas da escola
- **Olho Mágico** – Núcleo de publicações: uma oficina de criação
- **Matéria de capa** – Juntas, mas diferentes. A relação entre a família e a escola
- **Artigo** – O significado da relação família-escola para a aprendizagem significativa. Eloiza da Silva Gomes de Oliveira (Uerj)
- **Carioca** – A guarda é nossa – A Guarda Municipal na escola e na comunidade
- **Pé na estrada** – CEC: escola e comunidade unidas
- **Caleidoscópio** – Shakespeare; O cosmo; Encontros essenciais



- **Professor on line** – Escolha o diretor da sua escola
- **Vida de professor** – Brincando de aprender
- **Cartaz** – Dia da Imprensa – 10 de setembro
- **Giramundo** – Literatura de cordel

Revista nº 9/2002

• **Ponto e Contraponto**

– Magistério, escolha ou vocação? Rodolfo Ferreira (Uerj)

• **Zoom** – Meu professor inesquecível

• **Atualidade** – Pensar globalmente, agir localmente. Meio ambiente

• **Olho Mágico** – O jovem abrindo o verbo

• **Matéria de capa** – O professor pelos alunos

• **Artigo** – Venha ser um educador, você também. Ismar de Oliveira Soares (USP)

• **Pé na estrada** – Mestres com M maiúsculo. Homens atuando nas séries iniciais

• **Carioca** – Dimensão mídia em debate. Seminário Latino-americano de Educação

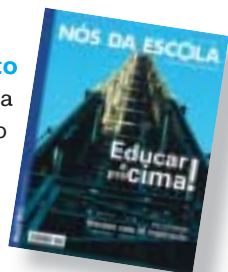
• **Caleidoscópio** – A máquina dos alimentos, Um dia de festa e ciências na escola

• **Professor on line** – Bônus professor

• **Vida de professor** – Vale a pena! Magistério

• **Cartaz** – 15 de outubro – Dia do Professor

• **Giramundo** – Escola promotora de saúde



• **Artigo** – Reflexões sobre o espaço do negro na mídia audiovisual brasileira. Regina de Assis (MULTIRIO)

• **Pé na estrada** – Vocabulário de respeito às diferenças e não à discriminação (E. M. Posseiro Mário Vaz)

• **Carioca** – Passeio pela história das escolas do Rio

• **Caleidoscópio** – Senhores dos animais, O homem e suas descobertas e Museu mutante

• **Professor on line** – Professor tem o direito de...

• **Vida de professor** – Imagina se trabalhasse! Coordenador pedagógico

• **Cartaz** – Linha do tempo dos brinquedos

• **Giramundo** – Cartografia

Revista nº 11

Ano 1/2002

• **Ponto e Contraponto**

– Resistência à banalidade. Nelson Hoineff (jornalista)

• **Matéria de capa** – Escola na Idade Mídia

• **Especial: Seminário**

– Seminário na pauta da Rede. Seminário Latino-americano de Educação

• **Especial: Summit** – Qualidade em discussão na Cúpula de 2004

• **Pé na estrada** – Os alunos com a mão na massa (E. M. Ministro Gama Filho, E. M. General Tasso Fragoso e E. M. General Humberto de Souza Mello)

• **Atualidade** – De festa pagã a celebração cristã. Os significados da festa de fim de ano

• **Olho Mágico** – Animação: uma proposta interdisciplinar

• **Zoom** – Malmequer, bem-me-quer. O que seus filhos vêem na televisão

• **Vida de professor** – Nas férias...

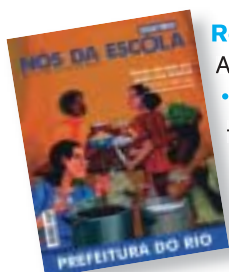
• **Caleidoscópio** – As imagens e o Sete de Setembro, Momento Brasil, Abrindo o Verbo

• **Pesquisa** – Pesquisa sobre a revista NÓS DA ESCOLA

• **Carioca** – Droga em cena. Concurso Tirando a Droga de Cena

• **Cartaz** – Calendário (janeiro – junho/2004)

• **Giramundo** – Linguagem da internet



Revista nº 10

Ano 1/2002

• **Ponto e Contraponto**

– Pelo direito à própria imagem. Eduardo Silva (historiador)

• **Zoom** – Mistura fina. Diversidade étnica

• **Atualidade** – Educação e saúde avançam nos anos 90

• **Olho Mágico #1** – Mais interatividade para o professor. Século XX1

• **Olho Mágico #2** – Canal aberto com a Rede. Assessoria de Integração

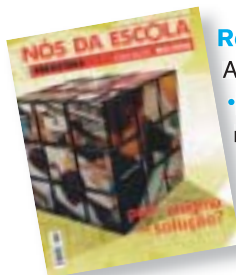
• **Matéria de capa** – Inclusão social pela cultura: a bandeira dos negros no século XXI



Revista nº 12

Ano 1/2003

- **Ponto e Contraponto** – Livro didático: contra ou a favor? Magda Soares (UFMG)
- **Zoom** – Com a palavra, o professor
- **Olho Mágico** – Lugar de professor na web
- **Atualidade** – Destaque para a arte brasileira. Museu Guggenheim no Rio
- **Pé na estrada** – Outros nós a desatar. Concepção de Ciclo (E. M. Maestro Heitor Villa Lobos, E. M. Gurgel do Amaral, E. M. Waldir de Azevedo Franco, E. M. Padre Paulo e E. M. Pedro Moacyr)
- **Matéria de capa** – Tempo e você: quem é dono de quem
- **Artigo** – Tempo de transformar. Maria Inês de Carvalho Delorme (MULTIRIO)
- **Professor on line** – É hora de estudar. Dicas de cursos de mestrado e de doutorado
- **Carioca** – Janela aberta para o planeta. Planetário
- **Caleidoscópio** – As Árias de Tebaldo, Entrevista com o filósofo Leandro Konder, *Rio, a Cidade!* – Especial Guggenheim e Os álbuns
- **Rede Fala** – Irmãs de samba. Lucia Maria Martins (E. M. Silveira Sampaio)
- **Cartaz** – Olhar, mexer, imaginar – Educação infantil
- **Giramundo** – Música como linguagem



Revista nº 13

Ano 2/2003

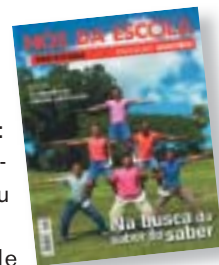
- **Ponto e Contraponto** – A escola na era da cibercultura. Andrea Cecília Ramal (Centro Pedagógico Pedro Arrupe)
- **Zoom** – O desafio de planejar a rotina
- **Atualidade** – Nova arma contra o doping
- **Pé na estrada** – Escola, lugar de partilhar idéias – projeto político-pedagógico da E. M. Fernando de Azevedo
- **Matéria de capa** – Como uma obra aberta – Escola e comunidade no projeto político-pedagógico

- **Artigo** – Projeto político-pedagógico: diagnosticando seus elementos constitutivos. Ilma Passos de Alencastro Veiga (UnB)
- **Professor on line** – Vem aí a Bienal do Livro
- **Carioca** – Monopólio carioca no cinema nacional
- **Caleidoscópio** – Consciência negra e inclusão, O menino do vestido rosa e *Rio, a Cidade!* Especial Dia da Criança
- **Olho Mágico** – A imagem da educação
- **Rede Fala** – Descompassos na formação da criança. Marta Sorvi dos Santos (E. M. Conde de Agrolongo)
- **Cartaz** – Tocar, encontrar, conviver – Educação infantil
- **Giramundo** – Psicomotricidade

Revista nº 14

Ano 2/2003

- **Ponto e Contraponto** – Educação para a paz: desafio urgente e necessário. Vera Maria Candau (PUC-Rio)
- **Zoom** – Um sonho de escola
- **Olho Mágico** – Registros da cidade
- **Professor on line** – Dia-a-dia do Rio em projeto pioneiro. Diário Oficial
- **Pé na estrada** – Arte para quem precisa. Oficinas dos Núcleos de Arte
- **Matéria de capa** – Onde o saber tem que ter sabor. Princípios éticos, estéticos e políticos
- **Entrevista** – A busca de uma pedagogia diferenciada que atenda a todos é um desafio. Leila Blanco (SME)
- **Artigo** – Currículo, mídia e cultura. Rosa Maria Bueno Fischer (UFRGS)
- **Atualidade** – A vez das cooperativas
- **Carioca** – Incubadora de novos talentos
- **Rede Fala** – O mediador da leitura na escola. Stella de Moraes Pellegrini (E. M. Joaquim Abílio Borges)
- **Caleidoscópio** – NÓS DA ESCOLA – cartaz, O planeta de Pipsqueak
- **Cartaz** – Compartilhar, propor, observar – Educação infantil
- **Giramundo** – Educação para o consumo ■



Palavras em alto e bom som

Programa de Saúde Vocal da Prefeitura do Rio previne e trata problemas de voz dos professores

A voz é a principal ferramenta dos professores. Por isso, cuidar dela é essencial para que eles possam exercer a sua profissão de forma saudável e eficaz. Para auxiliá-los a manter a voz em boa forma, os fonoaudiólogos das CREs (coordenadorias regionais de educação) criaram o Programa de Saúde Vocal da Prefeitura do Rio, numa ação conjunta das secretarias de Administração, Educação e Saúde. O programa resultou de iniciativas surgidas em 2001 para proteger a voz dos professores e tomou o formato atual dois anos depois, quando a ampliação do quadro de fonoaudiólogas lotadas nas CREs permitiu a sua consolidação, não só com políticas de conscientização e de informação, mas também com iniciativas para treinamento e reabilitação vocal de médio e longo prazos.

O tratamento é dirigido aos professores encaminhados pela Gerência de Atenção à Saúde do Servidor (Gass). Mas o treinamento está disponível a todos os professores que quiserem participar. Para isto, basta eles se inscreverem com as fonoaudiólogas lotadas nas CREs ou nas nas escolas. Para obter o telefone das profissionais, o professor precisa entrar em contato com as coordenadorias.

O treinamento, que tanto pode ser realizado nos auditórios das CREs como nas escolas, visa à prevenção. As sessões são realizadas em encontros semanais com grupos de 12 a 15 professores e duram de quatro a seis semanas. Cada sessão dura cerca de 1h30min. Além disso, em algumas CREs, as fonoaudiólogas fazem visitas às escolas para avaliar as condições locais de trabalho e ajudar os professores a lidar com as condições existentes. Elas também orientam sobre o melhor modo de agir dentro de sala de aula.

Prevenir é fundamental – A fonoaudióloga Eline Coqueijo Portela, da 2ª CRE, afirma que o programa tem sido importante para prevenir problemas de voz entre os professores da Rede. Desde 2004, mais de 5 mil deles participaram

dos treinamentos. “Quando conseguimos alcançar o professor antes ou no início da patologia, evitamos que ele se afaste da sala de aula. Nosso foco também é evitar que o professor continue trabalhando com problemas na voz, o que o prejudica e afeta a qualidade do ensino. Além disso, o tratamento permite a volta de quem está afastado”, acrescenta.

Um dos êxitos do programa foi a conscientização dos professores sobre a necessidade do cuidado com a voz. Levantamento feito em 2001 constatou que apenas cerca de 40% deles sabiam o que fazer para manter a voz saudável. Em 2005, outro levantamento mostrou que o percentual de professores com conhecimento de noções básicas de higiene vocal subiu para 63%. Outro dado animador é que dos professores que participaram do programa (a grande maioria com regência de turma), cerca de 80% continuam em sala de aula e, o que é melhor, sem prejuízo para o aprendizado dos alunos.

Eline afirma que os professores precisam estar atentos aos sintomas que indicam problemas na voz. “Os principais são rouquidão que dure mais de 15 dias; pigarro freqüente, que pode ser sinal de inflamação nas vias respiratórias; ardência e dificuldade de engolir. Nesse último caso, deve-se procurar um otorrinolaringologista para os exames de rotina e um fonoaudiólogo para avaliar as funções vocais”, explica.

A fonoaudióloga lembra que as pessoas que trabalham usando a voz, como os professores, precisam seguir alguns cuidados básicos. Em primeiro lugar, devem ingerir água regularmente, mas em temperatura ambiente, pois a água gelada prejudica a voz. Outra dica é descansar a voz, principalmente depois de utilizá-la por tempo prolongado. Ela recomenda também que, ao sentir ardência e incômodo na garganta, o professor deve evitar o uso de pastilhas e *sprays*. Isso porque ambos provocam anestesiação, mascarando os sintomas e permitindo que a pessoa continue a forçar a voz e a prejudicar a garganta. ■

TEXTO

FÁBIO ARANHA

Uma gestão de sucesso

A escola vivia um clima de união e troca. Não havia descontentamento entre os professores

Trabalhei em uma escola cuja direção apoiava os professores e funcionários em todas as suas necessidades. Incentivava os sucessos e ajudava nos momentos de dificuldade. Nos aspectos relacionados ao trabalho pedagógico, procurava estar sempre à frente das discussões e das ações desenvolvidas pela equipe.

A equipe gestora dessa escola agia em sintonia. Percebíamos que os encaminhamentos ou soluções dados por qualquer membro da direção eram apoiados e mantidos pela diretora. Havia a preocupação de se adotar uma postura única no direcionamento das questões da escola, evitando, assim, equívocos e conflitos no grupo.

Esta forma de trabalhar promovia segurança no grupo e tranquilidade para o desenvolvimento do trabalho pedagógico. A clareza do caminho a ser percorrido e a certeza de que todos tinham um objetivo comum: trabalhar, cada um em sua função, de modo a efetivar um ensino de qualidade que contribuísse para a aprendizagem de todos os alunos, unia o grupo.

Ao ingressar na unidade escolar, o professor era informado sobre seus direitos e deveres. Ficava ciente das exigências que seriam feitas em relação aos seus horários, sobre a necessidade da frequência nos momentos de planejamento conjunto, da importância do registro do plano de ação para a turma, do tipo de material que seria distribuído aos alunos etc. Em relação aos planos de atividades a serem desenvolvidos com os alunos, a própria diretora acompanhava, na medida do possível, o que era desenvolvido em sala de aula. Muitas vezes, ela própria conversava sobre a adequação de algumas atividades propostas. Ao auxiliar o reencaminhamento do trabalho pedagógico, ela ajudava cada

professor a crescer como profissional e beneficiava os alunos. Do mesmo modo, os outros profissionais que compunham a direção estavam sempre abertos a ajudar quem apresentasse dificuldade na sua ação pedagógica.


O contato constante com os responsáveis também era uma preocupação que a equipe da direção tinha, e pedia que estreitássemos cada vez mais essa relação. Mesmo que não houvesse possibilidade da presença constante dos pais na escola, éramos orientados a contatá-los, pelo menos por escrito, aproximando-os ao máximo da escola e do trabalho que estava sendo desenvolvido.

Não havia descontentamento entre os professores. Tínhamos clareza da necessidade de cada uma dessas exigências e o quanto elas eram importantes para o sucesso do processo educativo. Podíamos ser cobrados, mas tínhamos a certeza do apoio que a equipe gestora daria no momento oportuno, possibilitando a realização do trabalho diário.

A equipe da direção fazia questão de acompanhar o processo de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. Em algumas épocas do ano, eram realizadas atividades que eram acompanhadas de perto pela direção para sentir como os alunos estavam se desenvolvendo e poder discutir com os professores, se necessário, o reencaminhamento do trabalho.

A gestão procurava estar atenta ao que se passava com alunos e professores. Não era uma invasão, como pensarão alguns, era uma forma de apoiar e acompanhar o trabalho.

A escola vivia um clima de união e troca. O grupo de professores das turmas que trabalhavam mais diretamente com a



alfabetização discutia muito o rumo do processo vivido pelos alunos, procurando, a partir da troca de experiências, encontrar sempre melhores caminhos e estratégias para atuar com cada um deles. Não era fácil. Havia alunos que precisavam de atividades diferenciadas e os professores buscavam outras formas de abordar um mesmo conteúdo. Era necessário ter criatividade e estar atento ao desenvolvimento e aprendizagem daqueles meninos e meninas. Desse modo, estávamos sempre buscando as melhores estratégias para dar significado e função à leitura e à escrita.

Uma das atividades que minha turma gostava de realizar, e que não necessitava de muito material, era a seguinte: os alunos desenhavam com caneta pilot em folha de papel celofane, que era cortado em forma de quadro e emoldurado com cartolina. Eles vibravam ao fazer seus quadros e colocá-los no retroprojektor! Em seguida, cada um deles contava uma história sobre seu desenho. A atividade podia ser realizada em dupla ou em grupo. Expor oralmente as idéias é fundamental para os alunos. A criança que apresentava mais dificuldade em se expressar oralmente era auxiliada por mim e pelo grupo por meio de perguntas sobre o desenho. Muitas vezes, nesse momento, os alunos complementavam o que tinham feito, ao perceberem que faltavam elementos no desenho apresentado. Após os relatos orais, as histórias eram sempre registradas. De início, eu era a escriba dos textos produzidos pelos alunos. Aos poucos, à medida que o processo de alfabetização ia acontecendo e os educandos iam ganhando maior segurança e autonomia, eles

próprios registravam suas produções, que eram sempre revisadas no grupo. Durante o processo de produção e revisão, realizávamos atividades de análise dos textos quando, a partir da troca, íamos construindo sentidos e significados, fazendo substituições, supressões e acréscimos necessários para melhor compreensão das estruturas frasais, bem como estabelecíamos comparação entre as frases, as palavras, as sílabas e os sons, para que os alunos percebessem as semelhanças e diferenças entre essas unidades, apropriando-se, assim, do código escrito.

Como a atividade dos *quadros* era recorrente, pois os alunos a pediam sempre, eu usava muito o retroprojektor.

Um dia, a lâmpada do aparelho queimou.

Que susto! Eu sabia que a lâmpada não era barata.

Fui até a sala da diretora, muito sem graça, para contar o que aconteceu. Ela abriu um sorriso largo e disse:

– Só quebra quem usa. Não se preocupe.

Sai da sala mais tranqüila e feliz.

A diretora conhecia o meu trabalho de perto e me deu força e estímulo para continuar, assim como fez o mesmo em outras ocasiões com outros professores.

Os problemas que surgiam no cotidiano eram transformados em desafios para o grupo. A equipe enfrentava-os e eles oportunizavam a discussão e a união de todos para resolvê-los.

Aprendi muito com a direção e os colegas e, até hoje, reconheço que o coletivo desta escola foi uma inspiração e modelo para a minha vida profissional. ■

TEXTO

MARIA ALICE OLIVEIRA DA SILVA,
ASSISTENTE DO E/DGED

ARTE

ALINE CARNEIRO

Sinfonia do Amor

Naquele manhã, Antônio Augusto acordou disposto a reconquistar Rosa Helena.



A seguir...

Cenas dos próximos capítulos

Uma mocinha encontra o grande amor da sua vida. Mas, quando tudo parece bem para o casal, o vilão arma um plano para separá-los. Sofrimento, lágrimas e sentimentos de vingança. Até que, depois de muitas reviravoltas, os apaixonados conseguem se reconciliar e o algoz morre ou vai para a cadeia. Alguém já ouviu falar em uma história assim? Qualquer semelhança não é mera coincidência. Esse tipo de narrativa está presente no folhetim publicado nos jornais do século XIX, nas radionovelas do século XX e nas telenovelas exibidas hoje pela TV.

O folhetim tornou-se um gênero consagrado na América Latina, em países como Cuba, Argentina e Brasil, com destaque para as variações que sucederam as histórias impressas nos jornais, como as narrativas romanescas feitas para o rádio e para a televisão e as contadas através de fotos nas revistas – as fotonovelas. Sua principal característica é a fragmentação da história, que serve para criar suspense e prender o público até o capítulo seguinte. As narrativas são recheadas de emoção, sempre construídas a partir de um romance protagonizado por um casal, da presença de um ou mais vilões e da possibilidade de tramas paralelas. É claro que em cada país o grau de melodramatização e a caracterização dos personagens variam de acordo com a realidade local.

...você quer mesmo jogar
...para nosso amor por causa
...de intrigas?



Acabou,
Antônio
Augusto.
Vá embora,
por favor.

Ele encontra Rosa Helena melancólica
na varanda.



Meu docinho, agora eu posso provar
que estou falando a verdade.

...e, Antônio Augusto volta à
...decidido a acabar com o mal-
...istiar de vez o seu amor.



Em seu diário, Verônica Patrícia registrou todo o
plano para separar Antônio Augusto e Rosa Helena.



Continua na página 29

A radionovela *O direito de nascer*, escrita na década de 40 pelo cubano Félix Caignet, é um dos maiores sucessos de público no Brasil. Segundo Lia Calabre, autora do livro *O rádio na sintonia do tempo: radionovelas e cotidiano*, foram necessárias adaptações para o gosto do público brasileiro, porque a carga dramática era muito mais intensa no país de origem. Feito isso, foi uma das maiores febres por aqui. Além de apresentada pelas Rádios Nacional e Tupi, também ganhou três versões para a televisão. As duas primeiras, pela TV Tupi, em 1964 e 1978, e a última, pelo SBT em 2001.

De acordo com a autora do livro *Folhetim, uma história*, Marlyse Meyer, quando os folhetins ainda eram publicados nos jornais, os temas estavam dentro dos gêneros de aventura, suspense, capa-e-espada e outros que tratavam de costumes e fatos de época. “O primeiro grande folhetim francês falou da realidade dos operários, tanto assim que eles se identificaram com a história e passaram a enviar cartas para o

autor”, explica. Além deles, as mulheres também se interessaram por esse tipo de narrativa.

Marlyse conta que, ao se firmar no Brasil, o folhetim se misturou com o melodrama, gênero teatral criado pouco antes de eclodir a Revolução Francesa. Por isso, nossas histórias são repletas de sofrimento, tristeza e excesso de lágrimas. A professora do Departamento de Cinema, Rádio e TV da Escola de Comunicação da Universidade de São Paulo (USP) Esther Hamburger acrescenta conflitos de gênero, geração, classe social e contraposição entre espaço urbano e rural.

As histórias românticas de amor e sofrimento ganharam ainda mais popularidade, décadas mais tarde, nas rádios e tevês. Alguns sucessos do rádio foram adaptados para a TV como a própria *O direito de nascer* e *Em busca da felicidade*, que têm origem na radionovela argentina e, mais recentemente, *Direito de amar*, com Glória Pires e Lauro Corona, baseada na radionovela de Janete Clair *A noiva das trevas*. O diretor de TV e ator Daniel Filho, em seu livro *O circo eletrônico*, ►

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

FOTONOVELA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

ATORES

ADRIANA SIMEONE E

FÁBIO ARANHA

ROTEIRO

CRISTINA CAMPOS,

FÁBIO ARANHA E

RENATA PETROCELLI

ARTE

ALINE CARNEIRO

PRODUÇÃO E DIREÇÃO

EQUIPES DO GE A E NPI

CABELO E MAQUIAGEM

BETH LESSA

FIGURINOS

GILDA MOLL E RAILDA LIMA

SAIBA MAIS

- ALENCAR, Mauro. *A hollywood brasileira – panorama da telenovela no Brasil*. Rio de Janeiro, Senac, 2002.
- _____. *Selva de pedra* (adaptação da novela de Janete Clair). São Paulo, Globo, 2007.
- CALABRE, Lia. *O rádio na sintonia do tempo: radionovelas e cotidiano*. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 2007.
- CARMO, Laura (coordenação e edição). *Herança de ódio, de Oduvaldo Vianna*. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 2007.
- FILHO, Daniel. *O circo eletrônico, fazendo TV no Brasil*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- HABERT, Angeluccia Bernardes. *Fotonovela e indústria cultural*. Petrópolis, Vozes, 1974.
- HAMBURGER, Esther. *O Brasil antenado: a sociedade da novela*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim, uma história*. São Paulo, Cia. das Letras, 1996.
- _____. *As mil faces de um herói canalha*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1998.

afirma que as novelas substituem as fofocas entre vizinhos neste mundo em que passamos trancados em casa. “É criado um mundo para as pessoas participarem da vida alheia. O público é apresentado aos personagens, sabe das suas vidas e de seus problemas e, a cada ação deles, o comentário é como uma fofoca geral”.

A adaptação do folhetim para o rádio procurava temas sentimentais por um único propósito – criar um novo segmento de consumo: o feminino. A pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa Lia Calabre lembra que a característica remonta à origem da radionovela, em Cuba, onde o gênero foi utilizado para propaganda de produtos de limpeza para fábricas de sabão – daí a designação em inglês de *soap operas* que essas histórias ganharam. “A idéia vem de Cuba, segue para a Argentina, que é o segundo país da América Latina em radionovela, e se firma em outros lugares, inclusive no Brasil. Por aqui também [as radionovelas] foram patrocinadas por empresas como Gessy Lever e Colgate Palmolive”, explica Lia.

Fórmulas de sucesso – Alguns modelos foram repetidos à exaustão nas telenovelas e radionovelas. E são responsáveis pelo sucesso do gênero, que inclui amor, ódio, ciúme, ambição e vingança, paternidades desconhecidas, ricos inescrupulosos e pobres lutadores, perseguições aos mocinhos e, no final, recompensa para os bons e punição para os maus. Tudo picotado em capítulos, que podem ser alterados de acordo com o veredito do público, já que o folhetim passa a ser obra aberta, escrita aos poucos e passível de reviravoltas.

O doutor em teledramaturgia brasileira e latino-americana da USP Mauro Alencar acrescenta outros ingredientes bem-vindos ao andamento de uma telenovela, como chantage, intriga e tudo o que esteja ao alcance da identificação do público. “Existem temas no folhetim recorrentes do melodrama, como a busca de identidade própria e de paternidade. Na telenovela *Roque Santeiro*, Roque é dado como morto e volta. É considerado santo, mas revela que fugiu com o dinheiro da igreja. Estão expostas aí as descobertas da real identidade”, exemplifica Esther, autora do livro *O Brasil antenado, a sociedade da novela*.

Nas radionovelas todos esses sentimentos e ações eram mais exacerbados. A carga dramática estava um tom acima da vista posteriormente nas telenovelas. Laura do Carmo, organizadora da telenovela *Herança de ódio*, de Oduvaldo Vianna, explica que isso se deveu ao fato de que todos os sentimentos eram expressados pela fala, porque não havia o auxílio da imagem, como na TV. Por isso, os tons de voz eram bem mais melodramáticos, para que se captasse pela voz o sofrimento, a tristeza, o choro, a alegria ou a paixão.

Outra especificidade da narrativa da radionovela é a necessidade de poucas tramas e poucos locais de ambientação das histórias. De acordo com Lúcia, geralmente há uma trama principal e duas paralelas, com número reduzido de personagens. Em *Herança de ódio*, só havia o mocinho, a mãe dele, o médico, o delegado, a empregada, a amante e uma ex-namorada. “A sonoplastia ajuda a marcar o espaço em que se passa a história. Depois do terceiro capítulo, o ouvinte identifica que, quando há canto de pássaros, [os personagens] estão na chácara da família; o apito da fábrica sugere cenas com operários; se há barulho de máquina de datilografia, é porque a cena se passa no escritório”, ressalta Laura, que é pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Nas fotonovelas, que tiveram grande sucesso nas décadas de 50 e 60 no Brasil, também está presente a forma de narrar do folhetim. Angeluccia Bernardes Habert, em seu livro *Fotonovela e indústria cultural*, confirma que a fotonovela se aproxima do romance-folhetim do século XIX e do folhetim radiofônico. Publicada em revistas, também seguiu a fórmula da fragmentação:



Regina Duarte conquistou legiões de fãs como a Viúva Porcina, de *Roque Santeiro*

cada dia o leitor acompanhava uma parte da história. Além disso, era também destinada a um público majoritariamente feminino e tinha como característica transmitir valores éticos, morais e sociais, de acordo com a época.

Quadrinhos românticos – A fotonovela baseava-se nos mesmos recursos dos quadrinhos, com legendas, balões e enquadramentos. A diferença é que em vez das ilustrações eram utilizadas fotos. Os enquadramentos das fotos quase sempre imitavam os do cinema. O narrador desempenhava ali um papel importante, porque elucidava ao leitor a ação, enunciava valores, justificava o comportamento dos personagens e controlava a ação, sugerindo o suspense. Novamente os bons eram prejudicados pelos maus, que ao fim eram punidos, e existia um par romântico.

As telenovelas são as variações do folhetim que se têm mantido há mais tempo no coração do público. Com a ajuda da imagem é mais fácil o telespectador se familiarizar nos primeiros capítulos com os personagens, e assim é possível abrir mais tramas e personagens do que no rádio e na fotonovela. Entretanto, se esse número for excessivo o telespectador pode ficar confuso. No seu livro *Circo eletrônico*, Daniel Filho fala que *Rainha da sucata* pecou por esse motivo. O elevado número de personagens e a mistura de gêneros tumultuaram a novela. Mas por ter sido uma obra escrita ao mesmo tempo em que ia ao ar, foi possível corrigir os erros e ganhar audiência.

Nos anos 70 e 80 alguns clichês permearam as narrativas das telenovelas. Segundo Esther Hamburger, todas as questões que se contrapunham estavam relacionadas a uma questão maior: a oposição entre o moderno e o tradicional. Daí conflitos de gerações, de gêneros, entre rural e urbano, entre ricos e pobres. Já nas duas décadas seguintes, de acordo com a professora da USP, foi mais difícil sistematizar as convenções. A temática é mais diversificada, e a violência aparece com mais frequência, como na novela *Vidas opostas*, da Rede Record.

Mas, afinal, a novela reflete uma situação real ou transforma a realidade? Uma das polêmicas suscitadas na teledramaturgia brasileira foi a novela *O salvador da pátria*, cujo personagem ►



Continua no próximo número...

Apesar de ter se tornado traço cultural da América Latina, o folhetim nasceu na França, por volta de 1836. Segundo a historiadora e autora do livro *Folhetim, uma história*, Marlyse Mayer, o inventor do gênero foi Émile de Girardin, então editor do jornal *La Presse*, que queria ampliar o consumo dos periódicos, e para isso precisava atingir as classes populares. “A burguesia ascende ao poder, há a revolução industrial e, com isso, uma procura pelo entretenimento, pelos livros de ficção. Já se publicavam romances para mulheres, divididos em volumes. Girardin tenta imitar um pouco isso no rodapé do jornal”, explica Marlyse.

Nesse espaço do jornal se introduziram primeiramente romances em partes, fazendo referência à edição posterior, com a frase “continua no próximo número”. O primeiro deles, *O lazarrillo de Tormes*, chegou ao fim após cinco anos. Aos poucos foi se constituindo uma estrutura própria de escrever para folhetim, com cortes que não comprometiam a leitura e suspenses que aguçavam a curiosidade ao fim de cada publicação. Os romancistas que tiveram êxito neste tipo de narrativa foram Eugène Sue, com *Mistérios de Paris* e Alexandre Dumas com *O capitão Paulo*.

principal, Sassá Mutema, é um homem do campo, analfabeto, que se transforma em político, mas é manipulado por gente poderosa e corrupta. Exibida em 1989, antes da primeira eleição direta pós-ditadura, houve quem argumentasse que Sassá era inspirado no então ex-sindicalista Lula, que concorria à presidência da República, e o objetivo era mostrar que ele não tinha condições de assumir um cargo tão importante.

Reflexos da realidade – Outra história que gerou repercussões no mundo real foi a de *O rei do gado*, que discutia a reforma agrária e expôs a realidade dos sem-terra. O tema chegou ao Congresso Nacional e mobilizou parlamentares contra e a favor do Movimento dos Sem-Terra (MST). Grande sucesso na década de 80, *Roda de Fogo*, tocou em outro tema espinhoso: as promíscuas ligações de empresários com o poder

público. Na trama, o vilão Mario Liberato (Cecil Thiré) caiu no gosto popular. Ele era o advogado do protagonista Renato Vilar (Tarcísio Meira)

Para o teledramaturgo Walcyr Carrasco, autor de *Sete pecados*, que vai ao ar às 19h pela TV Globo, a novela, assim como toda a arte, reflete o comportamento da sociedade. Ao subverter alguns clichês, o autor pode ou não agradar o público. “Enquanto *Vale tudo* foi um sucesso, com um vilão que consegue fugir do país sem ser preso, *O dono do mundo* foi rejeitada quando o antagonista seduziu a mocinha na noite de núpcias dela com seu funcionário e [a trama] teve que ser reformulada para ganhar audiência”, ressalta Esther Hamburger.

Autor do livro *A Hollywood brasileira – panorama da telenovela no Brasil*, Mauro Alencar diz que “o momento que o país vivia e a insatisfação do público pediam para que um crápula como

Narrativas de folhetim

MARILLIA RAEDER AUAR OLIVEIRA*

O gênero folhetinesco, muitas vezes visto com olhos preconceituosos, serviu de vitrine para autores muito discutidos, há muito consagrados, da literatura brasileira, a saber: Aluísio Azevedo, José de Alencar, Machado de Assis, entre muitos outros, iniciando-se tal prática no século XIX. Esse gênero de narrativa tem como característica o final feliz, ou o seu oposto, o final trágico. Há, contudo, quem escape a esse tipo de desfecho, como fez Machado de Assis, não optando por conclusões típicas desse gênero, como comentaremos mais adiante.

Dividida em capítulos, a trama de folhetim, editada inicialmente nos jornais da época, trabalha geralmente com o suspense, o que ocorre em um ponto culminante da narrativa, que será retomada no capítulo seguinte, de modo a prender a atenção dos leitores, a deixá-los na expectativa do que ocorrerá no episódio por vir. Com isso, a tiragem dos jornais aumentava significativamente. Na realidade, o romance de folhetim atendia às necessidades de lazer e distração da época, sobretudo das mulheres que ficavam em casa enquanto seus esposos saíam para trabalhar.

Como o romance romântico caiu no gosto do público burguês, o escritor devia submeter-se não somente às exigências dos leitores, mas também dos diretores de jornais, não podendo portanto criticar os valores da época, criando uma arte de alienação, de pura evasão. Entretanto, essa regra não era sempre seguida, como podemos perceber mais uma vez na obra muito conhecida de Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em que o autor critica com sua fina ironia toda a sociedade de que era contemporâneo, assim como a literatura da época.

Outra característica identificável em obras de autores como José de Alencar, por exemplo, é a de apresentar o Brasil aos brasileiros. Tal era a arte de cunho didático: os leitores não viajavam para conhecer, por exemplo, o interior do país. O autor, contudo, fazia as vezes de guia turístico e através de diversas páginas descritivas o leitor podia ficar sabendo como era a vida e a paisagem em lugares que não teria a oportunidade de conhecer pessoalmente.

Machado de Assis, fugindo do modelo folhetinesco a partir de *Memórias póstumas*, cria uma obra literária essencialmente questionadora. As críticas que faz o autor em seus textos são entendidas pelo estudioso inglês John Gledson como “instâncias de uma interlocução crítica com seu tempo e seus concidadãos.”¹ A realidade brasileira apresentada na obra de Machado é entendida por ele como “realismo enganoso” (*deceptive realism*), uma vez que representa a realidade com todas as suas convenções, mas em contrapartida solapa e as compromete todas ao mesmo tempo. Daí o desafio ao leitor – sempre evocado nas obras machadianas – a encontrar o referente durante a leitura dos textos a contrapelo da narrativa, numa busca por suas hesitações, lapsos, vazios.

Um de seus contos muito conhecidos, “Noite de almirante”, pertencente ao volume de contos *Histórias sem data* (1884), inicialmente publicado também em folhetim, não assume um desenlace de típicas características folhetinescas, ou seja, não há um final feliz propriamente dito (Deolindo e Genoveva não ficam juntos) nem tampouco o desfecho admite uma configuração trágica (Deolindo não

Marco Aurélio [personagem de Reginaldo Faria em *Vale Tudo*] não fosse punido, assim como milhares de crápulas anônimos que conhecemos”, por isso a aceitação do público para o desfecho. Na época, o país estava recém-saído da ditadura e no Congresso uma CPI da Corrupção investigava uma liberação irregular de recursos pelo Ministério do Planejamento. A novela, segundo Daniel Filho, em seu livro, queria abordar justamente o que se convencionou chamar de “a lei de Gérson”, com base na mensagem de um comercial de cigarros estrelado pelo meio-campista brasileiro, que associava a marca a pessoas que gostavam de “levar vantagem em tudo”.

A tendência a mostrar algo real agrada ao público, mas até certo ponto. A novela *Torre de Babel* não foi bem aceita, porque tinha cenas chocantes de violência, em que o personagem de Tony Ramos aparece matando a mulher, em

um acesso de fúria decorrente de flagrante de adultério. Até novelas de época, se retratarem os costumes daquele tempo com exatidão podem causar mal-estar ao público. “Um exemplo de que é necessário esta adaptação é a novela *A padroeira*, que tinha como temática os bandeirantes paulistas. Como a trama se passava no interior de São Paulo, no século XVIII, as imagens mostravam casas toscas e sem cor, pouca variação do figurino e pessoas comendo com as mãos, com aspecto sujo. Era a representação mais próxima do real, mas a estética foi completamente rejeitada. Para aumentar os índices de audiência, tiveram que pôr cor nas paredes, mudar os hábitos dos personagens e aumentar o figurino”, lembra Lia Calabre.

Algumas situações deixam de ser mostradas claramente porque sofrem censura da sociedade ou dos governos. Na época das radionovelas ►

se mata e não mata Genoveva). Machado opta, portanto, por um final puramente realista, até mesmo anulador, o que vai de encontro às expectativas de leitores mais conformados e habituados com o ritual dos folhetins.

Tal volume de contos em questão foi publicado 10 anos antes de *Várias histórias*, onde temos o célebre conto “Uns braços”. A crítica contemporânea ao autor recebeu o livro de contos com admiração e elogios, embora tenha havido certo descompasso entre determinadas críticas palavrosas – justamente por se tratar de algo que fugia ao habitual, ao clichê – e a elevada qualidade da obra.

Valentim Magalhães, crítico da época e grande admirador do autor de *Iaiá Garcia*, em nota a *Gazeta de Notícias*, além de mais uma vez muito elogiar a fina obra de Machado, atenta para o fato de que, embora os textos ali reunidos tenham um estilo fluente e cristalino, são eles um tanto superiores à compreensão popular – constatação inquestionável e irrefutável em nossos dias –, mas que por isso mesmo a obra machadiana seria de tão elevado e apurado valor estético. Em resenha ao jornal *A Estação*, um autor anônimo, de pseudônimo Alzira C., menciona o fato de a obra machadiana retratar a vida fluminense com fiel honestidade, tendo encontrado esta característica tão brilhantemente desenvolvida e explorada nas obras de José de Alencar, cujo reconhecimento ainda em vida é freqüentemente comparado ao de Machado de Assis.

Tal crítico anônimo chama atenção do leitor para o olhar do autor de *Esau* e *Jacó* sobre a mulher, que segundo ele só não é chamada de ser “*exécrable et charmant*” para

não repetir os termos de um célebre poeta². Atenta, enfim, para o humor e alegria da obra de Machado de Assis, sem excluir a gravidade característica e a comoção que provoca.

Assim, Machado de Assis destaca-se no panorama da literatura brasileira ao ousar fugir à regra, criando uma literatura ainda publicada em folhetins, mas ácida, crítica e com questionamentos metafísicos ainda não vislumbrados dentro da literatura até ali produzida, cabendo-lhe, portanto, o epíteto de “a alma da nossa literatura”.

*Uerj/Faperj.

¹ GLEDSON, John. *Machado de Assis – ficção e história*. São Paulo, Paz e Terra, 2003.

² Refere-se, neste caso, ao poeta francês Alfred de Musset e seu poema “Après une lecture”.

Referências bibliográficas

- ASSIS, Machado de. *Contos*. Seleção de Deomira Stefani. São Paulo, Ática, 1982, 9. ed.
- BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo, Ática, 2003.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura – uma introdução*. Tradução Waltensir Dutra. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis – ficção e história*. São Paulo, Paz e Terra, 2003.
- OLIVEIRA, Maríllia Raeder Auar. *Imagens suscitadas em contos de Machado: interpretações e avaliação da crítica de sua época*. Monografia final de Iniciação Científica apresentada à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). 2007.

não se podia utilizar a palavra amante. Portanto, a personagem tinha que ter uma identidade camuflada. Em *Herança do ódio*, a moça que tem um caso com o protagonista é tratada como noiva dele. Segundo Laura do Carmo, a real situação dela é sugerida em poucas cenas, quando a empregada ironiza a sua relação e quando a própria moça começa a falar “sei que você não quer que sua mãe descubra que eu sou a sua...”, e interrompe a frase.

Assunto freqüente – O tema do homossexualismo foi abordado nas telenovelas e continua sendo testado. Em *Torre de Babel*, de 1998, as duas personagens lésbicas que compunham a trama tiveram de ser mortas na explosão de um shopping center porque não eram bem-vistas pelo público. Mais recentemente, Manoel Carlos abordou o assunto em *Mulheres apaixonadas*, com duas adolescentes, em 2003. E por fim, em *América*, de 2005, os telespectadores esperaram o beijo do filho da dona da fazenda com o peão, no último capítulo, mas ele foi cortado na última hora. De qualquer forma, as últimas novelas exibidas no horário nobre sempre têm um casal homossexual, que é bem aceito pelos demais personagens.

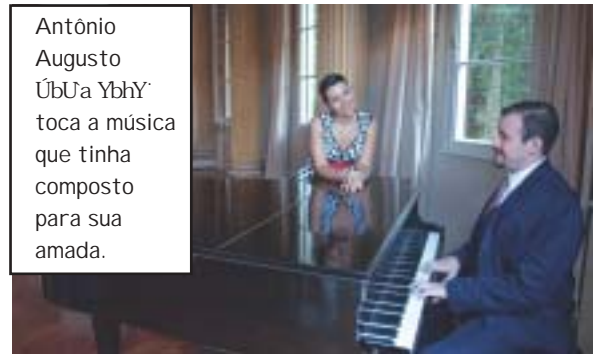
A primeira versão de *Roque Santeiro* foi censurada pelo regime militar, depois de iniciadas as gravações, em 1975. A saída foi utilizar o elenco na produção de *Pecado capital*, de Janete Clair. A autora escreveu inúmeras novelas de sucesso, entre elas, *Irmãos Coragem*, que, nos lares brasileiros, foi a primeira novela que os homens passaram a assumir que assistiam. Janete Clair contribuiu para essa mudança ao preparar um enredo que misturava faroeste, futebol e romance. Segundo Mauro Alencar, as histórias escritas por Dias Gomes, Bráulio Pedroso, Jorge Andrade e Lauro César Muniz também contribuíram para que o folhetim se tornasse um fenômeno que atingiu boa parte da população brasileira.

Moda e linguagem – O folhetim pode refletir a realidade e também ditar costumes, moda e até vocabulário. Segundo Lia Calabre, desde os tempos da radionovela já se comentava que, pela influência do gênero, as pessoas no interior imitavam sotaques e palavras usadas nos centros urbanos, principalmente o eixo Rio–São Paulo. Além disso, em vez de conversar sobre temas locais, as mulheres passavam a comentar o que acontecia nas novelas. Quando, por exemplo, a



Continuação da página 29

Venha logo. Não agüento mais de curiosidade.



Antônio Augusto ÚbUa YbhY' toca a música que tinha composto para sua amada.



Nunca ouvi nada mais belo. Eu te amo.

sonoplastia apresentou uma mulher usando liquidificador em uma radionovela, possuir o aparelho passou a ser símbolo de modernidade.

Nas telenovelas a influência foi ainda maior. Quem não imitou a franja de Lídia Brondi em *Vale tudo*, não usou as faixas de cabelo da Viúva Porcina ou os vestidos de Vitória, personagem de Cláudia Abreu em *Belíssima?* As meias de lurex foram sensação na década de 70, quando usadas por Júlia Matos, personagem de Sônia Braga em *Dancin' days*. Nos últimos meses, muitas mulheres têm se inspirado nos maiôs usados pela prostituta Bebel, personagem de Camila Pitanga em *Paraíso tropical*.

O vocabulário folhetinesco também ganhou as ruas. Basta lembrar de bordões como o “tô certo ou tô errado”, de Sinhozinho Malta (Lima Duarte) de *Roque Santeiro*; o “nos trinquês” de Timóteo (Paulo Betti) de *Tieta*; ou ainda o “Não é brinquedo, não”, de Dona Jura (Solange Couto) de *O clone*. Algumas palavras caíram no gosto popular como o *translunbrante*, de Kika Jordão (Arlete Salles) de *Lua cheia de amor; cambalacho*, palavra em espanhol que significa trapaça, que dava nome à trama do horário das sete, e até mesmo o *felomenal* de Gionvanni Improtta (José Wilker) de *Senhora do destino*. Alguns costumes

E os acordes do amor preencheram todos os compassos de suas vidas.



passaram a ser incluídos no cotidiano dos brasileiros. Depois de *Dancin' days*, em 1978, as discotecas viraram febre entre os jovens, assim como a prática do *windsurf*, mostrada em *Água viva*, de 1980, e a dança do ventre, que se tornou popular com a Jade (Giovanna Antonelli), de *O clone*, em 2001.

Por ser um gênero para consumo imediato e para entreter, o folhetim sempre foi alvo de crítica dos intelectuais. Segundo Marlyse Meyer, existe o bom e o mau folhetim. Nos primórdios era um gênero ambíguo, misturava o jornalístico, o literário, o jocoso e o sério. O próprio Machado de Assis, escritor e um dos grandes críticos do gênero, se aproxima dos folhetins no traço dos seus personagens e na própria construção de seus romances. Além disso, o gênero era considerado “menos digno” por ser destinado a um público feminino, menos instruído e de cultura limitada. Mas as crônicas machadianas no jornal de moda *A Estação* se dirigiam a esse público e se tornaram obras literárias.

Ao mesmo tempo, o folhetim *O calvário das mulheres*, escrito por Marie-Louise Gagneur, em 1867, por exemplo, retratava o trabalho das mulheres nas fábricas, discutia o divórcio e falava de injustiças. “No folhetim não há puro entretenimento somente. O primeiro grande folhetim falou da realidade dos operários. Falou também da mulher seduzida e abandonada, o que acabou servindo de reflexão para o divórcio”, afirma Marlyse. Mais recentemente outros assuntos levaram a público discussões relevantes como a reforma agrária em *O rei do gado*, os transplantes de medula (quando *Laços de família* apresentou um personagem com leucemia), a síndrome de *Down* em *Páginas da vida* ou o drama dos brasileiros que vivem ilegalmente nos Estados Unidos em *América*.

Para Esther Hamburger, a fórmula folhetinesca das telenovelas está longe de estar desgastada. Essa permeabilidade tem 200 anos e é contemporânea, vive se renovando. “Os acadêmicos costumam criticar a questão da autoria. Acho que ela é relevante, mas tem um grau maior de interlocução na dramaturgia. Além do mais, sua característica de obra aberta está cada vez mais presente na mídia. Até as séries americanas, que tinham temporadas fechadas antes de ir ao ar, hoje não são mais, e por isso se aproximam do folhetim”, argumenta a professora da USP. ■

Aposta na energia nuclear

De olho no crescimento econômico, governo retoma Angra 3 e planeja construir mais quatro usinas

TEXTO

FABIO ARANHA

FOTOS

ARQUIVO ELETRONUCLEAR E

ALBERTO JACOB FILHO (ZOOM)

Em busca de fontes de geração de energia que garantam o crescimento econômico do país e evitem uma nova crise de abastecimento, o governo federal ensaia uma volta aos investimentos em energia nuclear. O primeiro passo foi tomado no final de junho, quando o Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) aprovou a retomada da construção da usina Angra 3. Mas não pára por aí. Na mesma reunião, o conselho aprovou o Plano Nacional de Energia 2030 (PNE 2030), que prevê a construção de quatro a oito usinas nucleares adicionais no período.

Angra 3 é uma usina de 1.350 megawatts, suficientes para suprir a demanda de energia de uma cidade de mais de 4 milhões de habitantes. Atualmente, o Brasil tem duas usinas nucleares: Angra 1, que começou a operar em 1982, e Angra 2, conectada ao sistema elétrico em 2000. Juntas, elas responderam por 3,3% da energia gerada no país em 2006 e por 50% do consumo do estado do Rio de Janeiro, número que subirá para perto de 80% com a conclusão da terceira usina nuclear brasileira.

A energia nuclear representa hoje 16% de toda a energia gerada no mundo. Existem 438 reatores em operação no planeta, 104 deles somente nos Estados Unidos, que respondem por 19% da geração de energia elétrica do país. Na França, que tem 59 reatores, a geração nuclear responde por 78% de toda a produção de energia.

A decisão de construir Angra 3 se sustenta na necessidade de produção de energia para atender à crescente demanda pelo insumo e sustentar o crescimento econômico pretendido pelo governo. De acordo com o PNE 2030, o Brasil terá que investir US\$ 804 bilhões nos próximos 25 anos para expandir a oferta interna de energia e atender ao crescimento da demanda até 2030. Isso corresponde a uma média de US\$ 32 bilhões por ano, no intuito de quase triplicar o parque gerador brasileiro. Neste montante, está incluída a construção de pelo menos mais quatro usinas nucleares com potência de 1 mil MW cada.

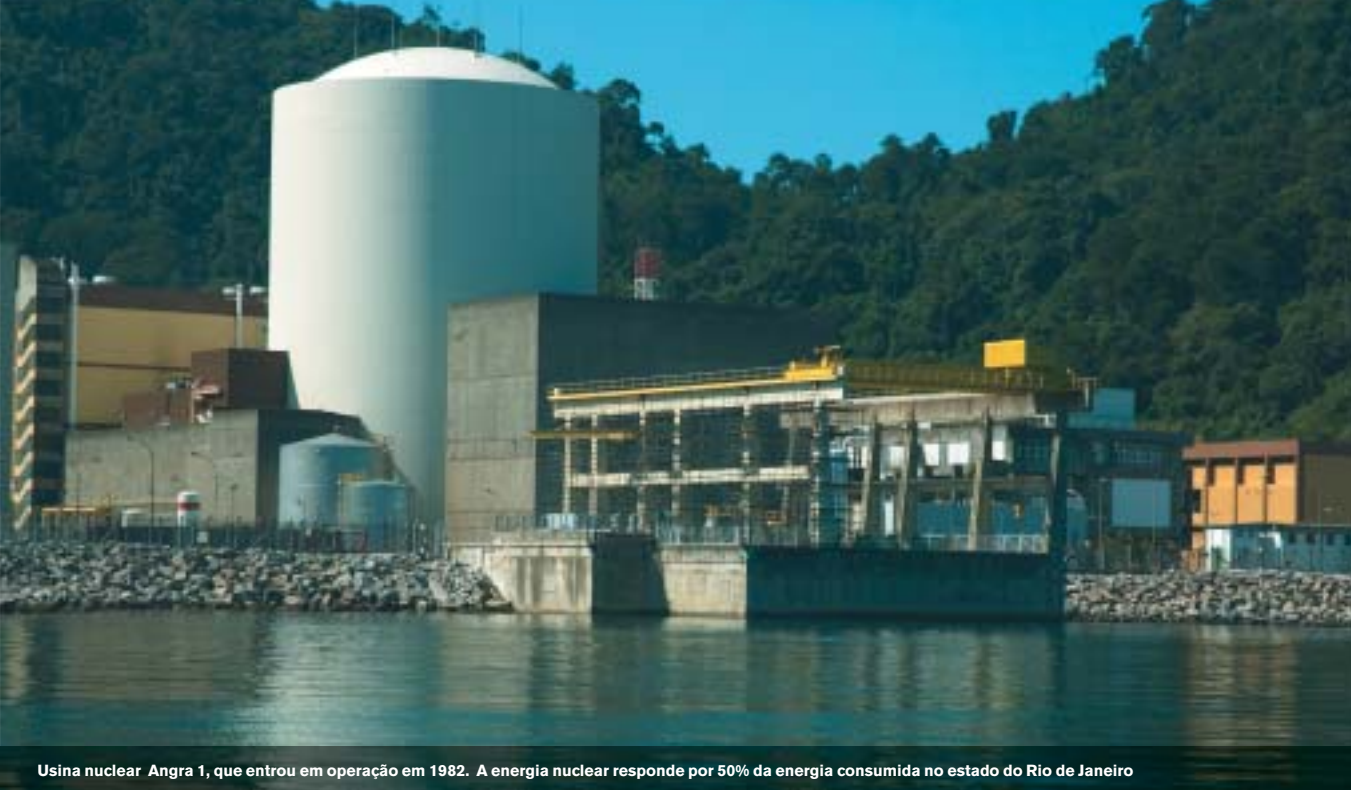
Pronta em 2013 – Também já foram gastos US\$ 750 milhões em equipamentos que estão estocados e que não terão outra utilidade. Com a usina parada, são gastos US\$ 20 milhões por ano na sua manutenção. As obras, que deverão ser retomadas no início de 2008 e ficar prontas em 2013, custarão R\$ 7,2 bilhões.

Além disso, o governo encontra grandes dificuldades para conseguir o licenciamento para as usinas hidrelétricas, devido ao impacto ambiental que causam. As duas hidrelétricas do complexo do Rio Madeira – Santo Antônio e Jirau, em Rondônia, cuja potência de 6.450 MW corresponde a meia Itaipu –, que são a grande aposta do governo para o setor na próxima década, demoraram cerca de dois anos para a obter a licença ambiental necessária para serem licitadas e construídas. Com a demora, as usinas ainda não foram licitadas, o cronograma de obras de Santo Antônio (a primeira a ficar pronta), sofreu sucessivos atrasos e agora a sua entrada em operação está prevista para 2012-13.

Some-se a isto a falta de combustível para operar as térmicas a gás natural. O Brasil tem produção insuficiente do insumo e importa da Bolívia 60% do que utiliza. Em 2006, o presidente boliviano Evo Morales nacionalizou as reservas de gás e petróleo no seu país e aumentou o preço do combustível. A instabilidade política do país também causou interrupção no fornecimento de gás no início deste ano.

Para o professor do programa de Engenharia Nuclear da Coppe-UFRJ Aquilino Senra Martinez, é preciso diversificar a matriz elétrica, que depende em 85% da energia hídrica. “Não podemos botar todos os ovos no mesmo cesto. A hidreletricidade é a base do nosso sistema e continuará sendo, mas haverá redução por questões ambientais. Precisamos complementá-la com outras fontes, incluindo a nuclear”, ressalta.

Quanto ao preço da energia, a hidrelétrica é a mais barata, apesar de a tendência ser o custo de geração aumentar cada vez mais, pois as novas usinas serão construídas cada vez mais longe dos centros de consumo, o que encarece



Usina nuclear Angra 1, que entrou em operação em 1982. A energia nuclear responde por 50% da energia consumida no estado do Rio de Janeiro

principalmente a transmissão. Atualmente, 64% do potencial hidrelétrico ainda não aproveitado está situado na Região Norte, especialmente na Amazônia.

Mas a nuclear é competitiva com as demais. Estima-se que a tarifa de Angra 3 fique em torno de R\$ 138 por megawatt-hora (MWh). Em comparação, em leilão de energia feito pelo governo, o preço médio da tarifa das usinas térmicas a gás ficou em R\$ 136,00 por MWh. Só que, como as usinas foram contratadas a um custo fixo, que considera uma operação com 50% da capacidade, se elas operarem acima disso, a tarifa ultrapassará os R\$ 140,00 por MWh.

No leilão realizado em junho passado, especificamente para biomassa e pequenas centrais hidrelétricas (PCHs), o preço médio ficou em R\$ 138,85 por MWh para a primeira e R\$ 134,99 por MWh para as últimas. Já a energia eólica tem tarifa entre R\$ 208 e R\$ 240 por MWh, de acordo com o Programa de Incentivo às Fontes Alternativas de Energia Elétrica (Proinfa) do governo federal.

Aquecimento global – A questão ambiental, tida pelos ambientalistas como o calcanhar-de-aquiles da energia nuclear, hoje se tornou uma de suas vantagens. A geração nuclear está sendo considerada uma forma de mitigar os efeitos do aquecimento global, já que as usinas nucleares

não emitem gases responsáveis pelo efeito estufa. Por essa razão, ela foi incluída como uma das alternativas recomendadas pelo Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) da ONU para reduzir seus efeitos.

“A energia nuclear voltará a ser uma opção a médio prazo por causa do aquecimento global e da escassez crescente de combustíveis fósseis. O mundo terá que procurar opções e o Brasil também. A energia nuclear, certamente, será uma delas, pois é preciso uma fonte que tenha capacidade de produção significativa de energia. Fontes como a eólica e a solar são viáveis apenas em pequena escala”, afirma o diretor do Instituto de Física da USP, Alejandro Szanto de Toledo. Em sua opinião, só vale a pena o Brasil investir em energia nuclear se tiver um programa com planejamento a longo prazo e desenvolvimento de recursos humanos e tecnologia para criar um índice elevado de nacionalização no setor.

O principal problema envolvendo a energia nuclear é a destinação dos rejeitos radioativos. Eles são divididos em rejeitos de baixa, média e alta atividade. Os dois primeiros correspondem a itens como roupas, resinas, filtros e produtos químicos usados na operação do reator e não oferecem grande risco, sendo armazenados em depósitos específicos, catalogados e monitorados continuamente. ▶

Os rejeitos de alta atividade, que correspondem, principalmente, ao combustível gasto dos reatores, exigem cuidado maior, pois permanecem radioativos por milhares de anos. Durante a vida útil das usinas nucleares, entre 40 e 60 anos, eles ficam armazenados em piscinas especialmente projetadas no interior das centrais. Depois desse período, podem ser reprocessados ou então colocados em depósitos subterrâneos em formações geologicamente estáveis, como o granito. “Pesquisas recentes

com a técnica de partição e transmutação de elementos radioativos prometem reduzir o tempo de radioatividade para cerca de 300 anos”, diz Aquilino Senra Martinez, da Coppe-UFRJ. Apesar de altamente radioativos, a produção destes rejeitos é pouca. Considerando-se uma usina nuclear de 1 mil MW de potência, a geração de resíduos radioativos é de 23 quilos em um ano, sendo que apenas um quilo é de alta atividade, quantidade que ainda pode ser reduzida em 100 vezes com o reprocessamento. ■

Zoom Que fonte de geração de energia o Brasil deve priorizar?

Para fazer a economia crescer, a oferta de energia é fundamental. Dela dependem as indústrias que movem o país. De acordo com o Plano Nacional de Energia 2030, preparado pelo governo, o Brasil terá que quase triplicar seu fornecimento de energia elétrica nos próximos 25

anos para expandir a oferta interna e atender ao crescimento da demanda até 2030. Muitas são as opções e NÓS DA ESCOLA foi às ruas para saber qual fonte de geração de energia elétrica o país deve priorizar.

Ademar Rocha, médico

– Acho que a energia hidrelétrica, por causa do grande potencial que ainda temos nessa área. Acho importante diversificar a matriz elétrica, mas investindo principalmente em energia hídrica. O país também pode investir em energia atômica, por ser limpa e não poluir. Ela não modifica o meio ambiente, ao contrário da hidrelétrica.



Hermano Lemme, arquiteto

– Eu acredito que todas as formas de geração de energia são necessárias para o que pretendemos para o Brasil, que é um crescimento do PIB na faixa de 7% a 10% ao ano. A energia nuclear não pode ser descartada. A energia hidrelétrica é a mais importante, porque o país tem um potencial hídrico enorme. Tem seus problemas ambientais, assim como a energia nuclear também tem. Outras, como a eólica, a biomassa e a solar, são residuais. Não se consegue gerar energia na escala necessária.

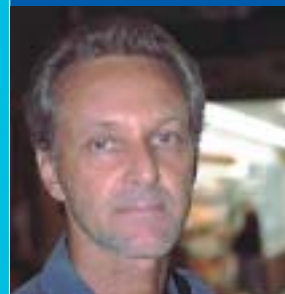
Manoel de Toledo, fotógrafo

– Devemos investir na energia eólica, porque temos vento à vontade, temos uma costa imensa, pronta para nos fornecer a energia de que precisamos. Também deveríamos investir em energia solar. São duas fontes de energia limpas.



Alessandra Sauberman, jornalista

– Seja qual for a forma de geração elétrica que o Brasil adotar, ela precisa respeitar as questões ambientais, principalmente a do aquecimento global, porque essa é uma realidade com a qual nós precisamos nos preocupar. Por isso acho importante investir em energias alternativas, como a solar. Ela poderia ser uma boa opção, já que o Brasil é um país privilegiado, com abundância de sol. É importante também porque é uma fonte de energia que não depende apenas do governo. É uma solução para a qual cada cidadão pode contribuir e, por isso, precisa ser mais difundida.



Boa briga para as escolas

Combater a violência escolar exige trabalho preventivo e atenção a diferentes formas de agressão

De tempos em tempos, somos surpreendidos por casos trágicos de violência na escola. Pode ser uma arma disparada – acidentalmente ou não – nas mãos de uma criança, provocando a morte de outra, uma briga que termina com a hospitalização de um dos envolvidos ou “brincadeiras” que de inocentes não têm nada, como o episódio recente em que alunos colaram uma professora à cadeira em São Paulo. Quando a gravidade chega a este nível, a violência escolar vira até notícia nos jornais. Muitos professores, no entanto, não se dão conta de que o caminho até tragédias como estas inclui agressões muitas vezes minimizadas ou ignoradas, como provocações, intimidações, xingamentos e até violência física – mas daquele tipo que costuma entrar no rol das “briguinhas normais” entre crianças e adolescentes. O que especialistas no assunto ressaltam é que não há as chamadas “briguinhas normais”. Todo tipo de violência é inaceitável e, mais que punir, é preciso agir preventivamente.

Há vários tipos de violência, e muitos deles acontecem dentro das escolas. Como primeiro espaço no qual as crianças desenvolvem relações sociais longe da proteção da família, a escola é palco de muitos conflitos, o que é absolutamente normal. O problema começa nas formas como eles são resolvidos, que podem incluir manifestação de preconceito, desrespeito, intimidações coletivas, agressões verbais e até socos e pontapés. O primeiro erro é justamente acreditar que boa parte desses “desentendimentos” é natural. Natural seria resolver os conflitos por meio do diálogo, como ressaltam os pesquisadores do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (USP) Renato Alves, Caren Ruotti e Viviane de Oliveira Cubas, autores do livro *Violência na escola – um guia para pais e professores*. Por isso, não se deve deixar passar em branco qualquer tipo de agressão. “Ao dar atenção aos pequenos atos de violência, o educador transmite ao menos duas mensagens. A primeira é que está atento ao outro e a sua



existência. A segunda é a responsabilização, que ajuda o outro a entender que suas atitudes são percebidas, avaliadas e, geralmente, trazem algum tipo de implicação”, explicam.

Constatado o problema, fica a dúvida: como agir diante de atos de violência, sejam grandes ou pequenos? Na prática, a atitude mais recorrente é a punição. Só punir, no entanto, não basta. ►

TEXTO

RENATA PETROCELLI

ILUSTRAÇÕES

ADRIANA SIMEONE,

ALINE CARNEIRO E

GUSTAVO CADAR

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



Aqui também vale a máxima “cada caso é um caso”. Saber as motivações e as circunstâncias de cada episódio de violência na escola é tarefa essencial de qualquer educador. Alunos comumente tachados de “brigões”, por exemplo, merecem atenção especial. Do contrário, resta somente o estigma, que tende a agravar o problema. “Ao estigmatizar muitos alunos, rotulando-os, excluindo-os, a escola acaba reforçando certas atitudes contra os membros da comunidade escolar, sejam funcionários, professores ou outros alunos”, argumentam os pesquisadores da USP. Não existe outro caminho, portanto, senão o envolvimento com a história de vida do aluno.

Uma atitude de constante enfrentamento pode ser reflexo de violência em casa, de insegurança, de baixa auto-estima e até de medo. Identificar o problema é um passo imprescindível para ajudar efetivamente os famosos “brigões” da escola. E, para isso, é necessário contar com a família, como ressalta Miriam Abramovay, socióloga e secretária executiva do Observatório Ibero-americano de Violências nas Escolas. “É muito importante saber quem são os alunos, sua história de vida, de onde vêm. O diálogo com a família é fundamental, pois a partir dele se parte para uma outra forma de ver os estudantes: não como um número, mas como uma pessoa com uma história, que pode ser complicada. É uma escola mais democrática”, define.

Em pesquisa realizada em 2003, com quase 10 mil alunos de Belém, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Distrito Federal, Miriam constatou que as brigas na escola não são mais “coisa de menino” – mais

um aspecto a ressaltar o perigo da estigmatização. A julgar pela pesquisa, hoje as meninas brigam tanto quanto os meninos. E os motivos comprovam que as causas dos comportamentos violentos podem estar muito longe da própria escola. “Nas entrevistas, muitas disseram que têm de se parecer com os meninos para serem respeitadas e reconhecidas. Às vezes passam até a dizer que pertencem a gangues, mesmo que não seja verdade. As brigas são uma forma de imitar o comportamento masculino”, destaca Miriam. Neste caso, como na grande maioria das vezes, o que acontece dentro da escola é resultado do que se vivencia fora dela. Também os pesquisadores da USP constataram, em pesquisas realizadas na periferia das zonas Leste e Sul de São Paulo, que as escolas com mais episódios de violência localizam-se justamente em comunidades mais violentas. Ou seja: a escola é reflexo da comunidade.

Uma cultura de paz – Com causas que podem ser tão distintas, e tão independentes do ambiente escolar, os comportamentos violentos desafiam os educadores justamente porque não há uma fórmula pronta para lidar com eles. Mas os especialistas concordam que a prevenção é sempre o melhor caminho. Não se deve tratar a violência como casos episódicos, muito menos restringir a atuação da escola à reação às brigas e outras provocações. Renato, Viviane e Caren ressaltam a importância da realização de trabalhos constantes em prol da tolerância e da boa convivência no ambiente escolar. “Atividades que gerem a integração, favorecendo a cooperação em lugar da competição, que incorporem o respeito às diferenças e incentivem



o diálogo como meio para solucionar conflitos são fundamentais na formação de cidadãos mais tolerantes. Simplesmente falar não basta para que estas referências sejam aprendidas e incorporadas. Elas devem ser, sobretudo, exercidas para que na prática se apresentem como modelos de atuação”, explicam. Os recursos para estas atividades devem ser os mais variados possíveis, incluindo música, teatro, poesia, literatura e tudo o que possa suscitar o diálogo e favorecer a expressão livre de idéias.

Miriam Abramovay concorda. E vai além. Para ela, casos cada vez mais numerosos de violência escolar mostram que a escola precisa recuperar algo que foi perdido. “Não há mais o sentido da segurança. A escola tem de ser um espaço agradável, de alegria, não um lugar onde todos têm medo. É preciso recuperar o sentido de prazer, da amizade e da socialização”, sentencia. Uma tarefa difícil, sem dúvida, sobretudo porque diz respeito a algo amplo e que, efetivamente, só sofrerá mudanças a longo prazo. Avaliar as alternativas é um passo importante, mas sempre com base no diálogo. Miriam cita como exemplo o trabalho com alunos mediadores, ainda não muito comum no Brasil. Escolhidos entre os próprios estudantes, eles atuam como intermediários entre a escola e os discentes, não apenas nas situações de conflito, mas em tudo o que possa auxiliar no cotidiano escolar – e com a vantagem de “falarem a mesma língua” de seus colegas. Ou seja: a escuta é muito mais fácil.

Incluir as famílias no dia-a-dia da escola é outra medida essencial. E isso não apenas porque nelas podem estar as respostas para muitos dos conflitos que se manifestam entre

os alunos, mas também porque são interlocutores centrais do diálogo que deve ser travado em busca de soluções. “O que se faz é chamar os pais quando os filhos precisam de uma bronca, quando fizeram algo errado. Mas eles não são chamados a participar do processo de educação dos próprios filhos”, destaca Miriam. Os pesquisadores da USP também verificaram que, na prática, os pais são chamados apenas quando os alunos tiram nota baixa, brigam ou desrespeitam os professores, enquanto o correto seria envolvê-los muito mais. “Atividades conjuntas precisam ser feitas em várias ocasiões, a fim de que os familiares se tornem parceiros nesse processo educativo e não se voltem contra a escola diante de alguma dificuldade”, argumentam.

Justamente porque as respostas são difíceis é que o diálogo deve ser intenso e profundo. Abrir espaço para que pais, professores, funcionários e alunos expressem suas opiniões é tarefa de uma “escola democrática”, como definiu Miriam. Não é preciso esperar que os episódios de violência aconteçam para que o trabalho em torno de uma cultura de paz seja desenvolvido. Trata-se, ao contrário, de uma tarefa constante, que pode e deve envolver todos os atores do ambiente escolar. Os conflitos não vão deixar de existir. Mas o final da história, certamente, será outro, como ressaltam Renato, Caren e Viviane. “A existência do conflito é algo normal e até mesmo desejável em um ambiente em que todos têm oportunidade de expressão e participação. A grande questão é como esses conflitos são resolvidos pelos alunos e como a escola os orienta em relação a isso”, concluem. ■

Muito sabor e alegria à mesa



TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

Ensinar hábitos de alimentação saudáveis às crianças é tarefa árdua, certo? Quem disse “errado” ganha um brigadeiro (um só)! Embora seja comum afirmar que os pequenos torcem o nariz diante de um prato colorido e balanceado, muitas vezes basta um pouquinho de paciência para que aquilo que parecia estranho e diferente logo seja visto como aceitável e, até, saboroso. Afinal, é na infância que desenvolvemos os costumes alimentares que levaremos pela vida inteira. Se não aprendermos desde cedo, o resultado será a eterna luta contra vilões da saúde como os altos índices de colesterol e açúcar no sangue, a hipertensão arterial e a obesidade. Na Creche Municipal Zilka Salaberry, em Acari (6ª CRE), a lição já está na ponta da língua – e no prato também. Aproveitando a Semana da Alimentação, promovida anualmente pela SME no mês de maio, a professora articuladora Márcia Cristina Neves Reis desenvolveu um projeto que mobilizou todas as recreadoras. E ensinou a crianças de zero a quatro anos o valor de frutas, verduras e legumes.

O grande segredo do sucesso do trabalho foi a ludicidade. Todos na creche concordam que aprender brincando é sempre mais gostoso. Foi assim que as crianças foram “apresentadas” a “personagens” como cenoura, abóbora, alface e banana. Cada alimento aparecia associado a uma música, a um jogo ou a uma história. A partir daí, as crianças maiores produziam desenhos, cartazes, recorte e colagem, pinturas e máscaras. Mas até os bebês do berçário puseram a mão na massa – literalmente: com tinta, imprimiram suas mão-

zinhas em cartazes que, no conjunto, formavam a imagem de vários alimentos. “Gosto muito de trabalhar por projetos e a idéia de estender a Semana da Alimentação foi bem aceita por todos na creche. O resultado foi um grande envolvimento, que se refletiu na alegria das crianças e vai deixar marcas nos seus hábitos de alimentação”, acredita Márcia Cristina.

A brincadeira continuava nos momentos das refeições – desjejum, lanche, almoço e jantar. À medida que os alimentos se tornavam “conhecidos”, sua aceitação aumentava. A origem e o preparo dos alimentos também receberam atenção especial, com visitas à horta que fica nos fundos da creche. “Conhecer os alimentos é o primeiro passo. Muitas destas crianças, quando estão em casa, só comem hambúrguer e refrigerante. Elas precisam aprender a valorizar frutas, verduras e legumes”, ressalta a diretora da creche, Cátia Cristina Braga Gomes.

Para Cátia, o projeto resultou ainda em uma agradável descoberta. Ver todas as recreadoras envolvidas em torno de uma idéia deu a ela a certeza de que elas estão dispostas a aprender cada dia mais. “A creche passou à Prefeitura no início deste ano. As recreadoras chegaram muito conscientes da importância de cuidar, mas não da importância de educar. É isso que temos tentado mostrar a elas. O envolvimento no trabalho mostra que podemos crescer muito”, destaca a diretora, que conta com 20 recreadoras no atendimento a cerca de 150 crianças. Cada uma das recreadoras adaptou as atividades de acordo com a idade

das crianças. No berçário I, por exemplo, músicas e brincadeiras apresentavam os alimentos, enquanto no berçário II as crianças também provavam os alimentos crus, para descobrir os sabores. Já a produção de trabalhos manuais ficou por conta das turmas dos maternais.

Mas o grande xodó da creche é um videoclipe produzido a partir de fotos que mostram todas as crianças em ação. O clipe, gravado em VCD, é uma campanha pela alimentação saudável. E, como os hábitos se consolidam em casa, as famílias foram chamadas para assistir ao trabalho. Na ocasião, também foi realizada a exposição dos desenhos e cartazes das crianças. Pais e familiares receberam ainda panfletos com o valor calórico dos alimentos e receitas de papas salgadas para bebês de

seis a 11 meses de idade, além de degustarem doces de casca de banana. “A intenção foi incentivar o aproveitamento de alimentos, além de mostrar que um alimento saudável pode ser muito saboroso”, explica Cátia.

O projeto foi encerrado com este grande encontro, no dia 6 de junho. Os resultados, no entanto, continuam a aparecer dia a dia. Como destaca Márcia Cristina, os maiores efeitos virão a longo prazo, já que as crianças são ainda muito pequenas. Mas muitos já dão mostras de que aprenderam direitinho. “Quando entramos no refeitório, eles dizem orgulhosos que estão comendo direitinho e mostram o braço para indicar que estão ficando fortes. Além disso, já não deixam tanta comida no prato”, enumera a professora articuladora. ■

Deu certo

- A estratégia de usar a ludicidade para falar sobre a importância de uma alimentação saudável
- O envolvimento de todas as recriadoras. A ideia foi abraçada por toda a creche e o intercâmbio de propostas e atividades enriqueceu o trabalho
- O trabalho com o berçário. Em função da pouca idade das crianças, este foi um dos maiores desafios do projeto, mas os resultados surpreenderam
- A produção do videoclipe. As crianças e suas famílias adoraram o resultado final, que pode servir de incentivo para o desenvolvimento de hábitos saudáveis de alimentação

Poderia ser modificado

- O envolvimento dos pais e familiares poderia ter sido incentivado desde o início do trabalho, otimizando os resultados

Bem mais do que a boa alimentação

O entendimento sobre o trabalho realizado nas creches com bebês passou por transformações significativas nas últimas décadas. A concepção de que o bebê só precisa de cuidados e carinho não se sustenta mais. Pesquisas e estudos sobre o desenvolvimento humano, sobretudo o infantil, apontam que os processos cognitivos iniciam-se desde o nascimento.

O trabalho com crianças de zero a três anos pressupõe cuidado e educação de forma indissociável. As atividades cotidianas de alimentação, higiene e saúde não

podem estar desvinculadas do processo de desenvolvimento. Assim, o papel dos profissionais que atuam nas creches é de extrema importância e deve ser de mediar as relações criança/criança, criança/adulto, criança/objeto do conhecimento.

O ambiente da creche deve ser planejado para atender às questões relacionadas aos cuidados e à segurança, e também deve ser desafiador, de forma que os aspectos cognitivos, físicos, afetivos, psíquicos e sociais sejam contemplados.

(CRISTINA CAMPOS)

SAIBA MAIS

Para conhecer dicas sobre como fazer uma horta na escola, consulte o *Giramundo* da edição 19. Já o encarte da edição 25, intitulado “5 ao dia”, foi escrito pela equipe do Instituto de Nutrição Annes Dias sobre hábitos saudáveis de alimentação.

Pela consciência ambiental



Os alunos da professora Sandra Pereira passaram a prestar muito mais atenção ao ambiente que cerca a Escola Municipal Madre Benedita, em Guadalupe

Aquecimento global, efeito estufa, desmatamento... O debate em torno dos desafios da preservação ambiental está na TV, nos jornais, nas revistas e, como não poderia deixar de ser, nas escolas. Infelizmente, na maioria das vezes os alunos se sentem impotentes diante da magnitude do problema. E acabam se esquecendo de que o cuidado com o meio ambiente pressupõe atitudes simples, que devem ter lugar em casa, na escola e na comunidade em que se vive. Foi justamente pensando nisso que a professora Sandra Pereira, da Escola Municipal Madre Benedita, em Guadalupe (8ª CRE), desenvolveu com os alunos do período final do 2º ciclo um trabalho que incluiu debates, pesquisa, produção de histórias em quadrinhos e, sobretudo, muita observação e senso crítico.

Tudo começou com a aplicação de um questionário que Sandra, professora de ciên-

cias, sempre submete aos alunos quando quer abordar a temática da consciência ambiental. Nele, os estudantes têm a oportunidade de falar um pouco sobre sua relação com a natureza, sobre as agressões ao meio ambiente que já praticaram ou presenciaram, sobre a cultura de economia ou desperdício que vivenciam em casa ou, simplesmente, sobre o que precisam para viver ou o que sentem diante de uma flor. "É uma forma de começar a entender a relação deles com a vida e a natureza. Muitos nem se dão conta das inúmeras possibilidades de interação com a natureza, nos níveis cognitivo, emocional ou lúdico", explica Sandra.

A forma de abordagem do questionário já contribuiu para aproximar a discussão da realidade do aluno, uma vez que ele foi chamado a falar de sua casa, de suas atitudes e sentimentos. Mas Sandra queria ir além, conscientizando a

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

turma sobre a responsabilidade de cada um no que diz respeito ao meio ambiente. O próximo passo foi exercitar o olhar no entorno da escola. A estratégia era falar de questões globais, mas com exemplos da própria vizinhança. Assim, os alunos listaram problemas como o lançamento de lixo nas águas do rio que passa próximo à escola. E foram incentivados a criar “leis ambientais” – princípios que deveriam ser seguidos para que o futuro do planeta esteja a salvo.

Os frutos dos debates, da pesquisa e da observação foram colocados no papel em forma de histórias em quadrinhos, nas quais Sandra destaca a presença recorrente da punição. “É interessante observar como eles apresentaram situações em que o homem causava um dano à natureza e depois era punido por uma autoridade ambiental ou pela própria polícia”, conta a professora. A idéia de produzir as histórias em quadrinhos veio do costume de Sandra de utilizar diferentes tipos de linguagens no trabalho com os alunos. Ela se vale de recursos como música e poesia e acreditava que, com as histórias em quadrinhos, os alunos teriam mais liberdade para expressar suas opiniões, sem se preocupar com um texto muito esquematizado e tendo a possibilidade de unir o desenho à escrita.

O resultado empolgou os alunos, que passaram a se interessar cada vez mais pelo assunto. A cada dia, surgiam recortes de jornais ou relatos sobre matérias na TV. “É um tema que gera muita discussão. Foi preciso um

grande esforço para organizar a exposição das idéias, porque todos queriam falar, estão bem preocupados com isso”, ressalta Sandra. Já a possibilidade de atuar positivamente sobre a realidade teve de ser levantada pela professora. Para boa parte dos alunos, a solução para os problemas, mesmo aqueles relacionados diretamente à comunidade em que vivem, está bem distante de sua capacidade de ação. “Acho que precisamos trabalhar a auto-estima dos alunos. Eles acham que, por serem de uma comunidade carente, não adianta reclamar, buscar ajuda ou simplesmente fazer a sua parte. Têm de saber que têm direito a usar a água, o solo e o ar que não estejam poluídos”, defende.

O papel de cada um – Incentivar a reflexão sobre atitudes simples, com resultados significativos, foi a próxima etapa do trabalho. Alessandro Jadson Pereira Cardoso, por exemplo, já reduziu o tempo gasto no banho. Aos 12 anos, ele se orgulha de dizer que leva, no máximo, cinco minutos debaixo do chuveiro. E tem na ponta da língua os motivos. “Tudo o que estamos deixando de ruim será nossa herança para nossos filhos, netos e bisnetos. Quero deixar uma herança boa, e ensinar meu filho a deixar uma boa herança também”, explica o aluno, que sugeriu como leis ambientais o replantio de árvores por empresas que trabalham com madeira e a criação de pelo menos três sistemas de armazenagem e tratamento da água da chuva em cada pais. ▶

Construção de significado em quadrinhos

Há décadas as histórias em quadrinhos (HQs) fascinam crianças e jovens. O segredo deste sucesso pode estar no fato de as HQs unirem literatura e artes plásticas.

O ensino da leitura e da escrita deve provocar a curiosidade de pensar sobre a escrita, experimentar a escrita e descobrir como ela funciona. No processo de alfabetização a imagem dá apoio ao aluno para que ele compreenda o texto. O leitor iniciante, ao ler algumas palavras conhecidas, observar as imagens e a seqüência dos quadrinhos, consegue dialogar com o texto, construir significado.

Para produzir uma história em quadrinhos há etapas a serem cumpridas: criação dos personagens, argumento e roteiro, desenhos e escrita dos balões. Neste processo a pesquisa sobre o tema do argumento é muito importante. As HQs funcionam muito bem como suporte para o trabalho com diferentes conteúdos em qualquer ano de escolaridade.

Criar uma gibiteca com os exemplares produzidos pelos alunos é uma boa oportunidade de divulgar o trabalho e a pesquisa feita pela turma, além de incentivar outras turmas e professores a incorporar diferentes tipos de textos à sua prática.

(CRISTINA CAMPOS)

Já Roberto da Silva de Souza Neves, de 13 anos, listou os principais problemas da comunidade. “Quase ninguém planta uma árvore, ninguém faz reciclagem de lixo e muitas pessoas jogam lixo no rio. As árvores purificam nosso ar. Se elas acabarem, a gente morre sufocado”, lembra. A consciência ambiental, como se vê, é um dos bons resultados das atividades. Sandra conta que as opiniões e a expressão dos alunos sobre o tema tiveram um crescimento bastante significativo, embora, às vezes, as atitudes do cotidiano ainda não reflitam isso. “Eles alternam momentos de muita maturidade com outros em que jogam um papel no chão do pátio, por exemplo. Por isso é importante partir do cotidiano, da realidade que eles vivenciam. Caso contrário, ficamos apenas na teoria e não geramos mudança alguma”, reflete.

Como ainda há muito a fazer, Sandra não pretende abandonar o assunto tão cedo. O lixo, apontado pela grande maioria dos alunos como o maior problema ambiental da comunidade, será o tema do segundo semestre. A escola já recebeu latas de lixo para coleta seletiva, que serão certamente objeto de muito debate e atividades de reciclagem. No que depender da professora, o próximo passo será buscar a parceria da comunidade e de órgãos como a Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana), o que ela pretende fazer no ano que vem. “Temos que desenvolver a noção de que o ambiente não é do ser humano, somos apenas uma parte dele. Trabalhando em conjunto com a comunidade, podemos gerar grandes mudanças no entorno da escola. E deixar uma mensagem de ordem prática para nossos alunos”, conclui. ■

As histórias em quadrinhos foram um dos resultados do trabalho

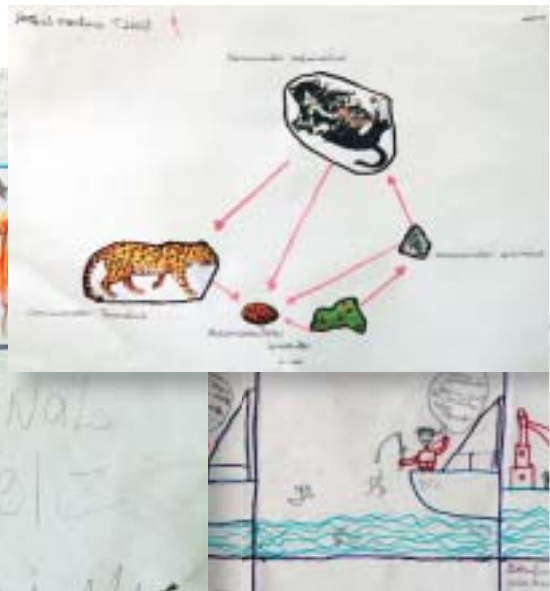


Deu certo

- A capacidade de observar, analisar e expressar verbalmente a realidade do entorno da escola
- O empenho dos alunos. O assunto despertou interesse e eles queriam sempre fazer o melhor
- A perspectiva de desenvolver um projeto com continuidade, planejando as atividades para o segundo semestre e, até, para o próximo ano letivo
- A crítica e a autocrítica. Os alunos conseguiram se inserir na discussão sobre o meio ambiente e refletir sobre a responsabilidade de cada um nos problemas ambientais

Poderia ser modificado

- Em nenhum momento foi trabalhada a técnica para a criação das histórias em quadrinhos. As atividades poderiam ter envolvido dicas para a produção, o que incrementaria o processo e o resultado
- Poderia ter sido muito produtivo buscar parceria com outros professores, como, por exemplo, os de língua portuguesa



A maravilha do Rio de Janeiro

A estátua do Cristo Redentor é o mais novo dos monumentos escolhidos em concurso internacional



“Cristo Redentor, braços abertos sobre a Guanabara”. A imagem que inspirou Tom Jobim a escrever os versos de *Samba do avião* nos anos 60 permanece até hoje como símbolo maior do Rio de Janeiro. Agora, esta estátua que repousa a 710 metros acima do mar, no topo do morro do Corcovado, conquistou o resto do planeta. Em 7 de julho último, o Cristo Redentor foi anunciado uma das sete maravilhas do mundo moderno, em uma eleição que mobilizou não só os cariocas, mas todos os brasileiros. Além do Cristo, as outras seis novas maravilhas são a Grande Muralha da China; as ruínas da cidade de Petra, na Jordânia; a cidade inca de Machu Picchu, no Peru; a pirâmide maia de Chichén Itzá, no México; o Coliseu, em Roma; e o Taj Mahal, na Índia.

O pleito foi organizado pela ONG New 7 Wonders, que afirma ter como objetivo a preservação do patrimônio cultural da humanidade.

As novas maravilhas do mundo foram escolhidas através de uma votação efetuada pela internet e por ligações de telefones fixos e celulares. Em contraste, os títulos das sete maravilhas da Antiguidade são normalmente atribuídos a um único homem, o poeta e escritor grego Antípato de Sídon, que retratou as obras em um poema com data de 140 a.C. A lista inclui os Jardins Suspensos da Babilônia; a Estátua de Zeus em Olímpia, na Grécia; o Templo de Ártemis, em Éfeso; o Mausoléu de Halicarnasso; o Colosso de Rodas; o Farol de Alexandria; e as Pirâmides de Gizé, no Egito. Estas últimas estavam concorrendo à nova eleição, mas foram declaradas *hors concours* depois de as autoridades egípcias terem reclamado do fato de elas serem obrigadas a concorrer.

A eleição que consagrou o Cristo Redentor tinha originalmente 200 “candidatos”, dos quais foram selecionados os 77 mais votados e, ►

TEXTO

FÁBIO ARANHA

FOTO

DIVULGAÇÃO/CBTU

por último, os 21 finalistas. A seleção foi feita por um grupo de arquitetos liderados por um ex-diretor-geral da Unesco. Os finalistas foram escolhidos com base em critérios de beleza, complexidade, valor histórico, além de relevância cultural e arquitetônica.

Caçula da lista – Das sete novas maravilhas, a estátua do Cristo Redentor é o monumento mais novo, tendo sido inaugurado no dia 12 de outubro de 1931, depois de cerca de cinco anos de obras. A cerimônia de inauguração contou com a presença do então presidente Getúlio Vargas e de todos os seus ministros. Foi a finalização de um projeto surgido 10 anos antes. A idéia inicial era fazer um monumento para comemorar o centenário da independência do Brasil, mas a pedra fundamental foi lançada apenas no dia 4 de abril de 1922.



As obras foram iniciadas quatro anos depois, em 1926. Entre 1924 e 1927, diversas maquetes alteraram o projeto original para aperfeiçoá-lo, o que atrasou as obras. Três locais foram cogitados para abrigar a estátua: o Corcovado, o Pão de Açúcar e o Morro de Santo Antônio. No fim das contas, venceu o primeiro, por ser mais alto que os concorrentes. A estátua foi construída em pedra-sabão, material bastante resistente ao tempo, que não deforma nem racha devido a variações de temperatura.

A estrada de rodagem que dá acesso ao local foi construída bem antes da estátua, em 1824. O mesmo vale para a estrada de ferro, cujo primeiro trecho (Cosme Velho–Paineiras) foi inaugurado em 1884. No ano seguinte, ficou pronto o segundo trecho, completando a ligação com o topo do morro. A ferrovia, que tem 3.800 metros no total, foi a primeira a ser eletrificada no Brasil, em 1906.

Graças à ferrovia, foi possível levar o material de construção até o topo do morro do Corcovado para que as obras fossem executadas. Mesmo assim, para transportar o material do ponto final da linha férrea até o cume do morro foi preciso instalar um sistema de cabos, acionados por motor, que fazia a tração dos pequenos carros que carregavam as peças.

O Cristo é considerado um dos momentos marcantes da engenharia civil brasileira. Ele tem 38 metros de altura, sendo oito do pedestal, e pesa 1.145 toneladas (apenas a cabeça pesa 30 toneladas). A distância entre os extremos dos dedos de cada mão é de 28 metros. A estátua foi esculpida pelo francês de ascendência polonesa Paul Landowski a partir de desenho final do artista plástico Carlos Oswald. O projeto, escolhido em 1923, é de autoria do engenheiro Heitor da Silva Costa. Em 1937, ele foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (Iphan).

O monumento, que recebe a visita de cerca de 1,8 milhão de pessoas por ano, foi reformado em 1980, para a visita do papa João Paulo II ao Brasil; em 1990; em 2000; e novamente em 2003. Nesta última data, foram inauguradas escadas rolantes e elevadores que facilitaram o acesso à estátua. Em 12 de outubro de 2006, em seu aniversário de 75 anos, o Cristo foi transformado em santuário católico do Brasil. ■

As redes do tecelão do mar

As histórias do pescador que encontrou o sucesso quando parou de pescar e se descobriu artesão



Quem busca histórias de pescador não tem vez com Claudionor José da Silva, o Seu Nonô, de 86 anos, o mais antigo trabalhador da Colônia de Pescadores da Praia de Copacabana (Z-13). Para ele, alguns segredos só devem ser revelados a quem realmente tem intimidade com o mar. “Dizem que pescador fala mentira. Eu só conto casos verídicos”, vai logo dizendo o simpático senhor a quem se aproxima esperando ouvir algo surpreendente ou inacreditável. Seu Nonô é calmo, bem articulado e diz que é do tempo em que as pessoas eram mais responsáveis. “Hoje elas jogam a rede de qualquer jeito, perdem-na e poluem as águas”, critica.

Aos 16 anos aprendeu o ofício por necessidade e se encantou pela vida tranqüila em contato direto com as belezas do mar. Sempre observador, diz que começou a “ler” o tempo através do movimento das marés.

“Eu fazia previsões certas, mas agora não dá mais, a natureza mudou muito, fica difícil dizer o que pode acontecer. Só com equipamento avançado de meteorologia”, diz. Dos tempos áureos de pesca, ele guarda boas lembranças, principalmente da época em que havia fartura. Ele conta que chegou a trazer 300 quilos de peixe em um dia. Suas especialidades eram anchova, olho-de-boi e olhete.

Mas para alcançar essa marca, a sua rotina era bem puxada. Saía para o mar por volta das três e meia da manhã, na sua canoa branca e verde, batizada de *Outono*. A hora de retornar variava muito, podia ser às cinco da manhã ou às sete da noite. Munidos de anzol e linha, ele e o companheiro de trabalho Henrique, em cinco minutos, já tinham 10 peixes no barco. Segundo ele, não era golpe de sorte, mas resultado de muito esforço. “Uma virtude eu tenho: sem- ▶

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

pre que me dedico a alguma coisa, quero ser o melhor”, adverte. Aliás, duas coisas foram essenciais para ele obter êxito: ter aprendido a técnica de fazer isca artificial com chumbinho e ter pescado com “uns portugueses”, profundos conhecedores do litoral fluminense, que o ensinaram onde estavam os lugares bons para peixe. “Como pescador é egoísta e invejoso, nunca disse para ninguém que lugares eram aqueles”, conta com um sorriso de quem acabou de fazer uma travessura.

Em foco



Claudionor José da Silva

- Só gosta de carne de boi, porque já enjoou de comer peixe.
- Sua maior diversão é tecer redes de vôlei.
- Não perde um jogo de vôlei. Seus jogadores preferidos são Giba e, no vôlei de praia, as duplas Larissa e Juliana e Ricardo e Emanuel.
- Costuma viajar para Nogueira, distrito de Petrópolis

Ao ser perguntado sobre um dia marcante na sua vida, ele responde que todos os seus dias no mar são maravilhosos. O mar para ele é um sonho. “É perigoso, misterioso, mas muito gostoso”, diz. Ele já teve a oportunidade de ver de perto baleias e golfinhos. Um dia, um pescador contou que havia estado frente a frente com um jacaré no mar. Quem ouviu a história debochou do sujeito, inclusive ele. Mas Seu Nonô confirmou a história, quando encontrou o animal no dia seguinte. Não conseguiu decifrar de que espécie era. “Depois de muitos anos vi a figura daquele bicho em uma revista e descobri que era um crocodilo marítimo, uma espécie da Índia, muito perigosa”, relembra.

Apesar de se considerar um sujeito feliz, Seu Nonô diz que nem sempre foi assim. Na infância teve oportunidade de estudar, graças ao sacrifício da mãe. Mas, aos 13 anos, ela morreu e o pai veio avisá-lo de que precisaria trabalhar. O garoto não se conformou com a decisão e fugiu de casa. Conta que ficou três

anos vivendo como menino de rua, dormindo embaixo de marquises e recebendo ajuda de estranhos. Um dia a fome apertou e ele foi à praia ajudar uns pescadores. Depois de um tempo, foi aceito como companheiro de profissão. “Minha adolescência foi muito ruim. Infelizmente eu saí para a rua e toda vez que meu pai me procurava eu me escondia dele. Só o encontrei anos mais tarde. Ainda bem que naquela época não havia essa história de envolvimento com drogas, porque vivendo daquele jeito poderia ter trilhado o caminho errado”, avalia.

Há 13 anos, seu Nonô deixou definitivamente a pesca para se dedicar à tecelagem de redes de vôlei. “Estava muito cansativo fazer as duas coisas e trabalhar com as redes ficou mais lucrativo”, diz. Se já era figura ilustre entre pescadores e moradores de Copacabana, como artesão tornou-se ainda mais popular. O material que ele tece ficou conhecido no Brasil inteiro e já faz sucesso em outros países. “Quando tem campeonato mundial os patrocinadores do vôlei fazem encomendas. Minhas redes já foram parar na França, Itália, Espanha, México, Estados Unidos e agora estou fazendo uma para o Japão”.

Seu Nonô dedica-se de corpo e alma ao que faz e, por isso, mantém a cabeça ocupada. Continua a acordar cedo, e por volta das cinco da manhã já está em frente à colônia Z-13 tecendo suas redes. Por volta das duas da tarde, ele interrompe a atividade e vai a um bar para tomar whisky com os amigos. Volta para casa às três e meia da tarde. Mesmo com a idade avançada, o velho artesão não pensa em se acomodar. “Trabalho de segunda a domingo. A minha maior diversão é o trabalho”, justifica. Suas redes já fazem tanto sucesso que ele se tornou íntimo do meio esportivo. “A Jacqueline [Silva]¹ é muito minha amiga. Em uma entrevista ela disse que graças a mim o vôlei evoluiu tanto no Brasil, porque as redes hoje têm mais qualidade”, orgulha-se. ■

¹Jacqueline Silva foi levantadora titular da seleção brasileira de vôlei nos Jogos Olímpicos de Moscou em 1980 e de Los Angeles em 1984. No começo dos anos 90, foi considerada a melhor jogadora de vôlei de praia do mundo, formando parceria com Sandra Pires. Atualmente dedica-se a ensinar o esporte a crianças em sua escolinha ou a projetos esportivos em comunidades carentes.

Lançamentos variados na *Tudoteca* deste mês. De carona na matéria de capa, um livro sobre as narrativas televisivas. Destaque também para o recém-lançado *Esconderijo*, que fala dos lugares secretos da infância, em um texto simples e sensível.

Livros

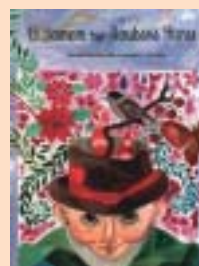


Narrativas televisivas: programas populares na TV

Vera França (org.)
Editora Autêntica, 2006

O objetivo do livro é compreender a relação entre a mídia e as classes populares – a maneira como essas classes lidam, se comportam, se apropriam e são apropriadas pela mídia em sua realidade cotidiana – e lançar luzes para a compreensão da natureza dos programas populares, as razões e implicações de seu surgimento e seus significados no contexto da relação entre o povo e a televisão.

nisso, as autoras reuniram neste livro os resultados de diferentes experiências realizadas em escolas por meio da leitura crítica de jornais. Com a colaboração de educadores e jornalistas, elas trazem reflexões, ações e propostas decorrentes das diversas formas de trabalhar o texto informativo, sua credibilidade e a proximidade com o leitor.



O homem que roubava horas

Daniel Munduruku
Editora Brinque Book, 2007

O novo livro de Daniel Munduruku conta a história de um homem sem nome, sem casa, cuja família era composta por um monte de cachorros. Ele tinha uma personalidade tão peculiar que mudou a forma de as pessoas se relacionarem com o tempo e consigo mesmas. *O homem que roubava horas* leva o leitor a pensar sobre o verdadeiro valor do tempo e a refletir como suas horas são gastas. As ilustrações da jovem e talentosa Janaina Tokitaka são verdadeiras obras-de-arte que valorizam a história delicada e sensível desse "ladrão de horas" que roubava a pressa das pessoas.



Esconderijo

Heloisa Prieto e Daniel
Editora Companhia das Letrinhas, 2007

A premiada autora de livros infantis Heloisa Prieto trata em *Esconderijo* dos lugares secretos da infância e da descoberta das coisas que o mundo adulto esconde das crianças, num delicado relato de memórias ao mesmo tempo emocionado e divertido.



Jornal: uma abertura para a educação

Cecília Pavani, Elizena Cortez, Angela Junquer
Editora Papyrus, 2007

O jornal pode ser um grande aliado do professor na sala de aula. Basta saber explorar a riqueza de temas que ele traz todos os dias em suas páginas e discutir as responsabilidades sociais a ele inerentes. Pensando

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
BandRio							
14h-14h30	Crônicas da minha escola Educação em vários países Acervo MULTIRIO Tons e sons	Br@nché (Língua Francesa) Gerúndio e Cacófato Tempo e clima	Nós da Escola Temas: Oscar Niemeyer, Clássicos da Literatura, entre outros.	Encontros com a Mídia Convidados: Afonso de Albuquerque, Pedro Lessa, entre outros.	Aqui no meu país É tempo de diversão As formas do invisível	9h-9h30 Cara de Criança* Programas infantis: Lucas e Lucinda Meu pequeno planeta Museu mutante	Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas
14h30-15h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	9h30-10h Shakespeare: histórias animadas Clássicos literários adaptados para animação	

Net - canal 14

7h30-8h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Documentário especial Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 1 (dia 5) O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (12) Acima do peso (19) Já não é sem tempo (26)
8h-8h30	Séries e documentários* O mundo secreto dos jardins Aqui no meu país É tempo de diversão	Cara de Criança Programas infantis: Lucas e Lucinda Meu pequeno planeta Museu mutante	Séries e documentários* Shakespeare: histórias animadas É tempo de diversão	Séries e documentários Mesa brasileira Viajantes da História	Cantos do Rio MPB	Cara de Criança Programas infantis: Lucas e Lucinda Meu pequeno planeta Museu mutante	Atletas do Rio Gerúndio e Cacófato Memórias cariocas Aventuras cariocas
8h30-9h	Contos de fadas poloneses	Contos de fadas poloneses Vamos brincar	Contos de fadas poloneses	Encontros com a Mídia Convidados: Afonso de Albuquerque, Pedro Lessa, entre outros.	Crônicas da minha escola Educação em vários países	Contos de fadas poloneses Vamos brincar	
9h-9h30		Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Abrindo o Verbo Temas: Audiovisual, Jogos eletrônicos, entre outros.	Nós da Escola Temas: Oscar Niemeyer, Clássicos da Literatura, entre outros.			Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas
9h30-10h	Documentário especial O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (dia 6) Acima do peso (13) Já não é sem tempo (20) Papagaios amarelos (27)		Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais	Shakespeare: histórias animadas Clássicos literários adaptados para animação	Viajantes da História Série que faz um passeio pela História		Abrindo o Verbo Temas: Audiovisual, Jogos eletrônicos, entre outros.
10h-10h30		Noah e Saskia Série australiana	Atletas do Rio Gerúndio e Cacófato Memórias cariocas Aventuras cariocas	Cantos do Rio MPB	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	Noah e Saskia Série australiana	Nós da Escola Temas: Oscar Niemeyer, Clássicos da Literatura, entre outros.
10h30-11h	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO* O melhor da programação	Acervo MULTIRIO* O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Cantos do Rio MPB
11h-11h30	Videoteca Séries e documentários para gravar Tempo e clima Geografia física e meteorologia	Videoteca Séries e documentários para gravar Tempo e clima Geografia física e meteorologia	Videoteca Séries e documentários para gravar Tempo e clima Geografia física e meteorologia	Videoteca Séries e documentários para gravar Tempo e clima Geografia física e meteorologia	Videoteca Séries e documentários para gravar Tempo e clima Geografia física e meteorologia	Videoteca Séries e documentários para gravar	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente

Net Educação

12h-12h30	Reflets Curso de Francês Gerúndio e Cacófato	Reflets Curso de Francês As formas do invisível	Reflets Curso de Francês* Gerúndio e Cacófato	Reflets Curso de Francês As formas do invisível	Br@nché (Língua Francesa) Gerúndio e Cacófato	Veja edições inéditas de Gerúndio e Cacófato, com dicas de Língua Portuguesa, na BandRio, às terças, às 14h20; e no canal 14 da Net, às quartas, às 10h10, e aos domingos, às 8h40. Temas do mês: Baderna, Banguela, Charlatão e Companhia.
12h30-13h	Shakespeare: histórias animadas Clássicos literários adaptados para animação	Mesa brasileira Série sobre cultura e hábitos alimentares	Viajantes da História Série que faz um passeio pela História	Documentário especial Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 1 (dia 2) O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (9) Acima do peso (16) Já não é sem tempo (23) Papagaios amarelos (30)	Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais	
13h-13h30	Encontros com a Mídia Convidados: Afonso de Albuquerque, Pedro Lessa, entre outros.	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	Crônicas da minha escola Educação em vários países	Nós da Escola Temas: Oscar Niemeyer, Clássicos da Literatura, entre outros.		
13h30-14h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	

Programação sujeita a alterações. Para mais informações, consulte www.multirio.rj.gov.br. *Juro que vi especial (O Curupira, O Boto, Iara e Matinta Perera), em homenagem à Semana do Folclore, na **BandRio**, no dia 25, às 9h; e no **canal 14 da Net**, no dia 22, às 12h. Documentário *Brasil em movimento – Assalto ao poder, partes 1 e 2* (Semana Getúlio Vargas), no **canal 14 da Net**, nos dias 23 e 24, às 10h30. No **canal 14 da Net**, *A Rua do Zoo 64* estreia no dia 27, às 9h15, e no dia 29, às 8h45.

CONHEÇA E DIVULGUE OS NOSSOS PROGRAMAS

ATENDIMENTO ÀS COMUNIDADES

É o núcleo do trabalho da Obra Social, o programa que busca atender às solicitações das comunidades. Desde sua criação em 2001 até maio de 2007, o programa realizou 884.981 atendimentos.



COZINHEIRAS COMUNITARIAS



Instala cozinhas e refeitórios nas comunidades, para servir café da manhã e almoço por apenas R\$ 0,50. As 23 unidades do programa já serviram até hoje 3.133.872 refeições.

CASAS DE CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL

Proporciona, gratuitamente, cursos profissionalizantes rápidos e úteis para pessoas a partir de 16 anos. Desde a criação do Programa, em abril de 2001, foram certificadas 33.116 alunas.



CASAS DE CONVIVÊNCIA E LAZER PARA IDOSOS



Atividades sistemáticas de cultura, saúde e lazer, que buscam melhorar a saúde física e mental dos cariocas acima de 60 anos. De 2002 até hoje, já foram realizados mais de 348.971 atendimentos nas 4 Casas existentes hoje.

CRECHES SEMPRE VIDA

Apoia a creches da Prefeitura, através de voluntárias que colaboram com palestras, datas especiais e outras atividades, beneficiando 128.000 crianças de três meses a quatro anos de idade.



CRIANÇAS E JOVENS



Atividades artísticas, literárias, musicais e físicas para crianças entre 7 e 17 anos, além de promoção de leitura na biblioteca, com contadores de histórias. Desde a criação do programa, 16.110 alunos frequentaram as oficinas, todas gratuitas.

RIO DE ALEGRIAS

Leva às comunidades espetáculos de teatro, animadores culturais, palhaços e contadores de histórias. Até setembro o programa percorreu 105 comunidades divertindo um público de 19.059 pessoas.



Obra Social

QUALIDADE DE VIDA É OBRA NOSSA

RIO DE JANEIRO
PREFEITURA
ASSISTÊNCIA SOCIAL

Mais informações pelo Tel.: (21) 2503-4591 ou no site:
www.obrasocial-rj.org.br

